

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

UNIVERSIDADE ESCOLA DE TEATRO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

MODALIDADE: LICENCIATURA

**MEMÓRIAS CRUZADAS QUE CONSTROEM UMA NARRATIVA: PROCESSO DE
CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “NOSSO TEMPO É QUANDO?”**

POR

JÚLIA ISIS ROCHA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Teatro, realizado sob orientação da Professora Viviane Becker Narvaes.

RIO DE JANEIRO

Agosto de 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE TEATRO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

MODALIDADE: LICENCIATURA

**MEMÓRIAS CRUZADAS QUE CONSTROEM UMA NARRATIVA: PROCESSO DE
CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “NOSSO TEMPO É QUANDO?”**

POR

JÚLIA ISIS ROCHA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra Viviane Becker Narvaes (orientadora)

Prof. Dra. Carmela Soares

Prof. MS. Sergio Costa Junior

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós maternos, Antônio Fernando Rocha e Maria de Lourdes Rocha.

Pessoas incríveis que me criaram e me transformaram em quem eu sou hoje...

O meu amor por vocês é imenso...

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os integrantes, tanto equipe e participantes do grupo Renascer, que são os motivos desse trabalho.

Aos participantes idosos que compõe o projeto, que compartilharam suas histórias comigo com tanto carinho.

A professora Carmela por me apresentar o projeto e permitir que fosse bolsista no Teatro Renascer.

A minha família por todo apoio e incentivo na minha trajetória acadêmica e artística. Principalmente meus avós maternos e a minha mãe Vânia.

A minha companheira por estar ao meu lado em todos os momentos, principalmente durante essa batalha de desenvolver o TCC, sem você nada disso seria possível. Te amo Gaby!

Aos meus amigos que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho e por me acompanharem dentro da universidade.

Ao Glauco e a Thaisa por serem meus leitores, revisores, amigos do meu coração que me impulsionaram a finalizar este documento ao ponto de nos encontrarmos toda semana para trocas de ideias e argumentos que pudessem me ajudar.

RESUMO

O presente trabalho é um memorial descritivo e analítico sobre a minha vivência no processo de criação do espetáculo “*Nosso tempo é Quando?*”, realizado pelo projeto *Teatro Renascer*, no ano de 2025. A pesquisa tem como foco principal a construção da relação entre as memórias do processo de construção do espetáculo com fragmentos das minhas trajetórias pessoais e profissionais. Além disso, aborda também a importância e as potências do teatro com alunos da terceira idade. E destaca ainda alguns resultados das interações intergeracionais entre alunos licenciandos com um grupo de pessoas vividas.

Palavras-chaves: Renascer - Pessoas vividas - Memória - Espaço - Teatro - Intergeracionalidade

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — NAVE DO CONHECIMENTO.....	11
Figura 2 — CASA AMARELA.....	14
Figura 3 — HALL DA ANTIGA ONCOLOGIA POR FORA.....	15
Figura 4 — HALL DA ANTIGA ONCOLOGIA POR DENTRO	16
Figura 5 —ENCONTRO NO HALL DA ANTIGA ONCOLOGIA.....	17
Figura 6 —SALA DE ENFERMAGEM.....	19
Figura 7 — FLOR MINHA FLOR.....	26
Figura 8 —CENA FLOR MINHA FLOR.....	27
Figura 9 —DINÂMICA DE NARRAÇÃO.....	29
Figura 10 —DINÂMICA DE NARRAÇÃO DUPLA 1.....	30
Figura 11—DINÂMICA DE NARRAÇÃO DUPLA 2.....	30
Figura 12—EXERCÍCIO DOS ELEMENTOS.....	32
Figura 13—CENA DE PAQUERA.....	34
Figura 14—CENA 1 DA ADOLESCÊNCIA.....	35
Figura 15—CENA 2 DA ADOLESCÊNCIA.....	36
Figura 16—CONSTRUINDO MUSICALIDADE.....	37
Figura 17—PARTICIPANTE T CANTANDO.....	39
Figura 18—CARTAZ DA FASE ADULTA.....	40
Figura 19—CENA FASE ADULTA.....	41
Figura 20—CENA DO PROGRAMA DE TV.....	43
Figura 21—FLYER DE DIVULGAÇÃO.....	44
Figura 22—PALCO DA SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA.....	45

Figura 23—TEATRO RENASCER.....	56
--------------------------------	----

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1: Memórias do Espaço.....	13
1.1-O primeiro de muitos.....	13
1.2-Recordando de um antigo espaço para se tornar um novo.....	15
1.3-Espaço de construção: A partir das memória.....	19
Capítulo 2: Memórias do Espetáculo.....	22
2.1- Lembranças de uma infância ganhando a cena.....	23
2.2- Lembranças da Adolescência nas páginas de um roteiro.....	27
2.3- Lembranças de uma memória que já aconteceu, ainda persiste: Vida adulta.....	39
2.4- Para além das lembranças: O hoje das pessoas vividas.....	42
2.5-Dia de criar novas lembranças: Estreia do espetáculo.....	45
Capítulo 3: Memórias de uma relação Intergeracional.....	48
3.1-O Renascer como um programa intergeracional.....	48
3.2-A relação intergeracional para além do Renascer.....	50
3.3-.Quem ensina aprende.....	51
Considerações Finais.....	53
Referências Bibliográficas.....	57
Anexo A.....	58
Anexo B.....	71

INTRODUÇÃO

*A Palavra Renascer significa vida. Aqui renascemos todos os dias.
Aqui não existe solidão. (PARTICIPANTE A¹, 80 ANOS)*

Este memorial tem como objetivo apresentar o processo de construção de um espetáculo com um grupo de pessoas da terceira idade, desenvolvido por um projeto de extensão da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): o projeto *Teatro Renascer*. O processo de desenvolvimento do espetáculo intitulado “*Nosso Tempo é Quando?*” ocorreu no ano de 2025, no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle²(HUGG), no município do Rio de Janeiro. Nesse período, eu fui bolsista e estagiária do programa e, dessa forma, consegui acompanhar e participar das diferentes etapas do projeto.

Este memorial busca retratar os detalhes desse processo de construção, utilizando relatos dos alunos e integrantes da equipe, junto com as minhas próprias experiências. Como a temática da memória é por vezes sensível optei eticamente por utilizar pseudônimos para nomear as participantes. Essa escolha também se deu por não ter firmado termo de consentimento livre e esclarecido com as participantes, uma vez que este trabalho se tratou, não de pesquisa *stricto sensu*, mas de memorial sobre uma prática. A metodologia utilizada envolveu, dessa forma, tanto a realização de entrevistas, recolhimento de relatos como também uma caminhada reflexiva sobre a minha história e participação no projeto.

[...]em 1995 a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) criou o Programa Interdisciplinar de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Idoso – Grupo Renascer. Sua criação deu-se partir da iniciativa de profissionais da área da saúde do ambulatório do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. (SOARES, 14)

O programa de extensão Renascer da UNIRIO, reside no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, que abrange outros projetos além do teatro. A proposta desse programa é de oferecer atividades que promovam a saúde e a qualidade de vida a pessoas idosas, como, relatado na citação acima. Contudo, não utilizarei o termo “pessoas idosas” a seguir no trabalho, apenas “pessoas vividas”. Sendo um termo escolhido pelos próprios alunos do

¹Pseudônimo referente a uma participante inscrita do Programa Renascer;

²O **Hospital Universitário Gaffrée e Guinle** é um hospital universitário pertencente à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

projeto *Teatro Renascer*, durante as aulas. No segundo capítulo, abordarei mais detalhadamente o motivo dessa escolha.

Acredito que a melhor definição do projeto é a percepção dos próprios participantes. O projeto, no dia a dia, se apresenta de uma forma pessoal, tocante e viva. Na compreensão de todos os integrantes, ele é entendido como um lugar de acolhimento. O espaço, embora seja em um hospital, transmite um sentimento de pertencimento. Os alunos podem desenvolver vínculos sociais, gerando amizades que os acompanham semanalmente naquele grupo. É pertinente lembrar que esses participantes podem ser ouvidos por meio de uma interação intergeracional com os alunos da universidade. Por sua vez, nós licenciandos, podemos perceber a vitalidade do corpo envelhecido e a força de vontade de viver intensamente. Trata-se de um espaço vivo, que interage com o contexto social em que está inserido e com as adaptações necessárias para seu público-alvo.

O projeto Teatro Renascer integra o Programa Interdisciplinar de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Idoso - Grupo Renascer. É uma ação de caráter educacional e artístico que oferece, regularmente, oficinas de teatro para pessoas acima de 60 anos, estimulando o aprendizado de linguagens artísticas e a vontade criativa. O projeto tem caráter intergeracional, proporcionando o diálogo entre gerações diferentes: de um lado reúne estudantes em formação da Escola de Teatro da UNIRIO e de outro pessoas acima de 60 anos, que juntos, dividem experiências de vida e a criação de processos teatrais. O projeto serve como campo prático para estudantes de licenciatura em teatro. As oficinas são ministradas pelos universitários, que aplicam os conhecimentos adquiridos na Universidade. Possui um núcleo de ensino e pesquisa que visa a sistematização de metodologias do ensino do teatro voltadas para a terceira idade. Promove, também, o intercâmbio de aprendizado com outros grupos de interesse. (JESUS, BRANDÃO, p. 1)³

Fui bolsista de extensão na modalidade PIBEX⁴- UNIRIO durante um ano para atuar nas atividades desenvolvidas no projeto de teatro no *Renascer*. Um dos requisitos da bolsa era produzir um documento escrito que exemplificasse o projeto, como na citação acima, no ano de 2025. Embora o texto tenha sido elaborado em conjunto com a professora da UNIRIO e coordenadora do *Teatro Renascer*, Carmela Correa Soares, que está ativa de forma remota no projeto, e com a outra bolsista e estagiária do Renascer, Carla Resende, aluna de licenciatura em teatro da UNIRIO, com este trabalho, eu gostaria de trazer um relato mais particular, como mencionado anteriormente, a partir das perspectivas dos participantes e da minha experiência pessoal.

A memória que tenho de fazer teatro ao longo desses meus 26 anos é marcada por espaços não convencionais, nas ruas, nos pátios da escola, na praça do bairro etc. Embora eu

³ Está citação é de um trabalho apresentado por mim na semana de integração acadêmica 2025;

⁴ PIBEX é um Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária, destinado a apoiar estudantes de graduação em projetos de extensão.

não reconhecesse essas manifestações como “teatro”. Como os equipamentos culturais, no geral, eram escassos na região da zona oeste do Rio de Janeiro, onde nasci, e, também, não era comum para meus familiares frequentarem esses espaços; teatro, para mim, era uma estrutura e um nome. A primeira vez que fui a um teatro de “verdade”, como eu entendia na época, foi com 15 anos, através de um passeio da escola estadual em que eu estudava, para assistir uma peça no teatro Carlos Gomes⁵, no centro do Rio de Janeiro. Posteriormente, os estudos e minhas experiências teatrais fizeram com que eu percebesse que o material apresentado pelos atores, tanto no Carlos Gomes quanto na praça ao lado da minha casa, era o mesmo.

Minha primeira experiência em uma aula de teatro aconteceu aos 17 anos. Ela foi realizada em um palco de concreto improvisado, com as laterais completamente abertas, exposto às mudanças climáticas. O palco ficava instalado bem nos fundos de uma *Nave do Conhecimento*, um espaço da prefeitura criado em alguns lugares da cidade do Rio de Janeiro, direcionada à inclusão digital através de cursos e oficinas. O exterior desse local se assemelha a uma grande caixa de concreto que luta contra a vegetação que tenta se sobrepor. Essa unidade especificamente foi construída sobre os destroços de um prédio demolido, conhecido popularmente por “esqueleto”⁶. Ele foi, literalmente, o esqueleto de um projeto de edifício residencial. Porém, por conta do abandono da obra no meio do processo de construção, ele passou a abrigar pessoas em situação de rua de forma irregular. Hoje, com a Nave do Conhecimento, o lugar se transformou em um espaço que proporciona atividades culturais. A primeira companhia de teatro que eu atuei ocupou esse palco improvisado por alguns anos, proporcionando a primeira experiência com teatro para muitas crianças, adolescentes e adultos de Padre Miguel. Agradeço à *Cia T.V.V.* (Cia Teatral Vila Vintém)⁷ por me permitir ressignificar não só aquele espaço como, também, meu entendimento de teatro em grupo.

⁵**Teatro Carlos Gomes** é um teatro municipal, pertencente à prefeitura do Rio de Janeiro;

⁶Um termo utilizado pela população local para se referir à estrutura interna exposta desse edifício;

⁷Uma cia teatral oferecida gratuitamente para a comunidade, sem recursos e patrocínios.

Figura 1 — NAVE DO CONHECIMENTO

Fonte: Acervo pessoal — (lateral da nave do conhecimento- visualização externa)

Em 2018, ingressei na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para cursar licenciatura em teatro. Após 5 anos, entrei no projeto Renascer devido à disciplina de estágio IV, que exige a vivência em algum projeto de extensão da UNIRIO. A minha escolha pelo *Teatro Renascer* se dá, num primeiro momento, por uma questão de estratégia. Em 2023, eu passei por uma cirurgia delicada no joelho esquerdo, que exigiu uma recuperação longa. O projeto *Teatro Renascer* me oferecia melhores condições dentro desse contexto. Apesar de, após a cirurgia, eu não querer de forma alguma voltar a um hospital. Quando eu soube que ia precisar operar um joelho, achei que nunca mais fosse possível ter a vida de antes, inclusa a minha relação com o teatro, pois, a partir de então, eu passaria a ter um corpo limitado enquanto atriz. O projeto transformou a minha relação com o corpo, o teatro e a vida. Abordarei nos próximos capítulos alguns aspectos dessas transformações.

Além da pesquisa em espaços não convencionais, o projeto *Teatro Renascer* me proporcionou uma experiência pedagógica, a de conviver através das aulas, com um grupo de pessoas vividas. Dessa maneira, o campo de trabalho foi a partir das suas memórias, recordações e rememorações. A pesquisadora Camela Correa Soares trabalha com essa vertente de teatro de reminiscência. Ela apresenta que o “*Reminiscence Theatre*”, ou teatro de reminiscência, é uma terminologia inglesa utilizada para designar o tipo de teatro concebido e

realizado a partir das memórias de pessoas idosas” (SOARES, p.2). O teatro de reminiscências traz para o centro da cena as experiências de pessoas vividas a partir da escuta.

Para dar conta dessa discussão, separei o trabalho em três partes de acordo com as minhas percepções e memórias dessa experiência, desde as aulas à criação do espetáculo “*Nosso Tempo é Quando?*”

O primeiro capítulo abordará questões relacionadas ao espaço no qual fomos instalados durante o processo de construção do espetáculo. O objetivo central é refletir sobre as possibilidades e os limites de se fazer teatro em um ambiente hospitalar. Para isso, a metodologia baseia-se na análise crítica dos desafios e das potencialidades encontrados nos espaços onde ocorreram os nossos encontros.

O segundo capítulo apresentará o processo de criação e desenvolvimento do espetáculo por meio de análises pedagógicas dos encontros, destacando sua relevância para o grupo de idosos, os licenciandos e os coordenadores do projeto. Para mapear esse percurso, toma-se como referência o roteiro construído coletivamente pela equipe (Anexo A), visando compreender a trajetória que culminou na realização da montagem.

O terceiro capítulo abordará a perspectiva pessoal dos participantes a partir de seus relatos sobre a construção do espetáculo. Esse capítulo tratará, também, sobre a minha experiência como licencianda em Teatro, ou seja, sob uma perspectiva pedagógica, em um projeto que promove a interação intergeracional com os participantes do *Teatro Renascer*.

O campo de trabalho deste memorial foi construído a partir de memórias cruzadas do espetáculo, tanto as dos participantes do projeto quanto as minhas próprias experiências e reflexões durante os encontros. A elaboração deste memorial segue, assim, o próprio processo de construção do espetáculo, que foi, por sua vez, baseado em narrativas coletivas de todo o grupo de pessoas vividas a respeito de suas vidas e conduzido com a ajuda dos licenciandos em Teatro.

CAPÍTULO 1 MEMÓRIAS DO ESPAÇO

O Hospital Universitário Gaffrée e Guinle é localizado na Tijuca, bairro do Rio de Janeiro. O mesmo atende a população fluminense através do sistema público de saúde SISREG⁸. Além dos atendimentos, o hospital é um lugar de pesquisa para alunos de diversas áreas da UNIRIO. Uma dessas possibilidades de pesquisa são os projetos de extensão acadêmica, como é o caso do programa Renascer, voltado para pessoas vividas.

O edifício do hospital Hospital Universitário Gaffrée e Guinle é tombado⁹, porém apresenta uma falta de investimento por parte dos órgãos governamentais, como o MEC¹⁰. Por conta disso, ele apresenta uma estrutura precária com escassez de medidas de acessibilidade afetando diretamente as formas de acesso ao local. Por exemplo, logo na entrada principal, pela rua Mariz e Barros, os pacientes, que já possuem suas dificuldades de locomoção, enfrentam buracos e desníveis no chão para acessar o prédio principal.

Essa situação gera inúmeros transtornos à sociedade que serão abordados apenas no contexto das pessoas vividas participantes do projeto *Teatro Renascer*, mas que engloba muitos outros públicos.

1.1 O primeiro de muitos

Por quase trinta anos, o programa Renascer funcionou em um único espaço no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle: a casa amarela, um anexo na lateral do hospital. O acesso para a casa se dá pela entrada principal, ou seja, o melhor trajeto para chegar à sede do projeto *Teatro Renascer*. Durante esses anos, foi esse o espaço que o programa ocupou para seu funcionamento, desde a parte administrativa (envolvendo os profissionais da saúde e os coordenadores) à parte pedagógica.

Devido à notoriedade que o programa possui, foi realizada uma reforma no local a fim de proporcionar melhores condições para as pessoas vividas, focando na melhoria do espaço dos atendimentos e das aulas, com a acessibilidade necessária.

⁸SISREG é um Sistema Nacional de Regulação, uma plataforma do ministério da saúde que organiza e gerencia o acesso a consultas, exames e internações no SUS;

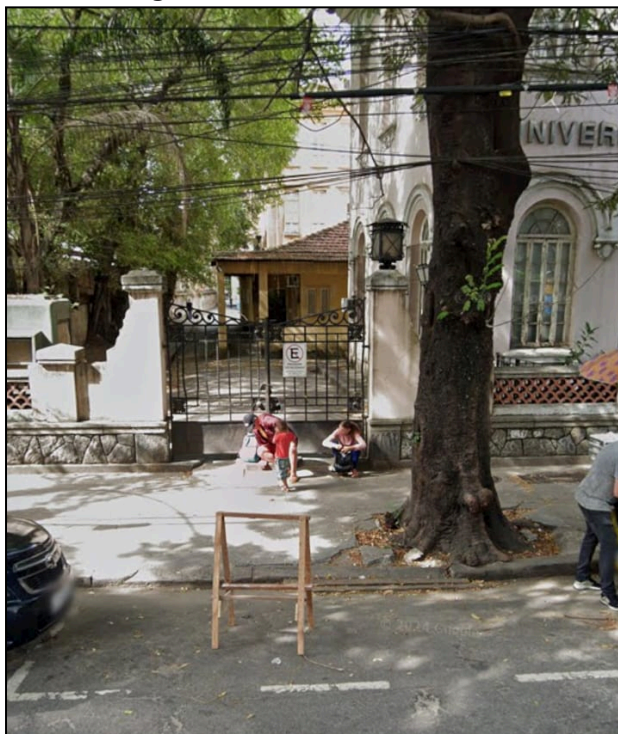
⁹ Edifício tombado é um imóvel protegido por lei devido ao seu valor histórico, cultural, arquitetônico ou ambiental, que não pode ser demolido ou modificado sem autorização dos órgãos competentes;

¹⁰ Ministério da Educação.

Porém, com o anúncio de início da obra, foi preciso realocar o projeto para um outro espaço: um local pequeno com capacidade para apenas metade da equipe. Assim, a outra metade precisou realizar suas atividades em home office¹¹. Devido a essas circunstâncias, foi decidido que durante esse período as atividades e atendimentos com o grupo de pessoas vividas seria interrompido tendo como prazo de retorno a reforma da casa amarela concluída.

Após um mês e meio com as atividades suspensas, a antiga sala de oncologia¹² do hospital foi oferecida como alternativa para o projeto. Lá, sim, caberia toda a equipe. Apesar da incerteza das condições para a volta dos encontros dos alunos cadastrados no programa, a coordenação do projeto considerou importante a tentativa de retorno das atividades.

Figura 2 — CASA AMARELA



Fonte: Casa Amarela na página do Google Maps — 2026¹³

¹¹ É um modelo de trabalho que o colaborador exerce em casa através de computadores, tablets ou celulares;

¹² A sala de Oncologia é um espaço destinado a tratamento e acompanhamento de pessoas com câncer;

¹³ Disponível em: https://www.google.com/local/place/fid/0x997eff83fdb2bf0x94d0bd22b51d76b/photosphere?i_u=https://streetviewpixels-pa.googleapis.com/v1/thumbnail?panoid%3Dm-Zl72AeCdEWryaiJwKSkQ%26cb_client%3Dsearch.gws-prod.gps%26yaw%3D83.49768%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100%26w%3D0%26h%3D0&ik=CAISFm0tWmw3MkFlQ2RFV3J5YWIKd0tTa1E%3D&sa=X&sqi=2&ved=2ahUKewibuUqfaVAXUurZUCHaBrMAYOpx96BAgZEBE >. Acesso em: 28 de julh. 2026.

1.2 Recordações de um antigo espaço, para se tornar um novo

As aulas de teatro foram a primeira atividade a retornar no novo local, no dia 30 de Abril de 2025, junto com os licenciandos da UNIRIO. Um mês após o retorno oficial, uma das coordenadoras do projeto *Teatro Renascer*, a Psicóloga Nathali Cristino, que toma a frente do projeto nos encontros, tomou a iniciativa de utilizar o Hall de espera do antigo espaço da Oncologia (fig.3 e fig.4) para as aulas de teatro. Dessa maneira, todos os outros projetos do Renascer foram destinados para o interior da antiga sala de oncologia.

Figura 3— HALL DA ANTIGA ONCOLOGIA POR FORA



Fonte: Acervo pessoal — (visão de fora do ambiente).

Figura 4— HALL DA ANTIGA ONCOLOGIA POR DENTRO

Fonte: acervo pessoal — (visão de dentro do ambiente)

O hall de espera era um corredor muito pequeno. Nesse espaço cabiam em média 7 cadeiras de plástico nas duas laterais da sala, sobrando apenas um singelo espaço no meio para que as pessoas transitassem da porta de entrada até o setor administrativo/consultório médico. Esse corredor funcionava como a sala de espera dos alunos inscritos no programa.

As aulas de teatro aconteciam às quartas-feiras, às 9h da manhã. Até então, o projeto contava com apenas 2 a 3 licenciandos estagiários e poucos alunos. Particularmente, eu tinha receio, me perguntava como aplicaria os exercícios e os jogos naquele espaço. Abordarei essa experiência mais à frente; porém, adianto que foi necessário a exploração de novas proporções dos exercícios.

Figura 5 — ENCONTRO NO HALL DA ANTIGA ONCOLOGIA

Fonte: Acervo pessoal — (parte interna da sala) Integrantes na figura: 6 participantes e 4 estagiários do programa Renascer.

É importante ressaltar que o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG) é uma unidade federal vinculada à UNIRIO. Contudo, em 2025, foi aprovada a sua fusão com o Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE). Para esclarecer as implicações desse processo, recorri a Rodrigo Ribeiro, presidente do sindicato dos técnicos da universidade. Ele sugeriu o texto a seguir, extraído do site da ASUNIRIO, para uma melhor compreensão do caso:

Em 2025, foi formalizada a incorporação do Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE) ao Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. A “fusão” cria um único complexo hospitalar universitário, administrado pela Ebserh, instituição que, segundo servidores, apresenta problemas como precarização das relações de trabalho e centralização da gestão.[...]A transferência da maior parte dos servidores do HFSE

para outros órgãos públicos e dos servidores e serviços do HUGG caracteriza o apagamento da história dessas duas unidades, e não se trata de apagamento simbólico. Trata-se do comprometimento de práticas assistenciais, do campo do ensino, da pesquisa e extensão, que levaram toda uma história para serem incorporadas ao SUS. Além disso, relatos de trabalhadores indicam impactos diretos, como o fechamento de leitos de clínica médica, a redução da capacidade de internação, a superlotação no pronto atendimento, com espera superior a seis horas, e dificuldades na infraestrutura de ensino e assistência.¹⁴ (Jaqueline Deister, 2026)

Após um longo período de sucateamento¹⁵ dos hospitais federais no Brasil, caracterizado pela escassez de recursos e investimentos para o funcionamento e manutenção adequados, o Governo Federal aprovou, em 2024, um projeto para transferir a gestão dessas unidades a organizações sociais, configurando um processo de privatização.

Alinhado a essa política de transferência de gestão, o superintendente¹⁶ da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) propôs a incorporação do Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE) como alternativa para solucionar o problema de espaço físico do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG), visto que o HFSE possuía leitos ociosos devido ao abandono estrutural sofrido ao longo dos anos. Embora a proposta de fusão tenha sido apresentada ao Ministério da Saúde e considerada viável, havia o impasse da falta de financiamento suficiente para a manutenção de ambos os hospitais.

Apesar disso, a Reitoria da UNIRIO passou a defender o projeto, que acabou sendo aprovado em regime de urgência, mediante debates rasos e sem a devida qualificação acadêmica. Assim, em junho de 2025, aprovou-se a fusão dos serviços do HUGG com os do HFSE, com previsão de conclusão até o final de 2026, o que resultará no fechamento do prédio atual do Gaffrée e Guinle. Até a realização do espetáculo, contudo, esse cenário de transição não afetou diretamente os encontros do *Teatro Renascer*.

As aulas seguiram nessa configuração até maio. A partir de então, devido à necessidade de um espaço maior, fomos para a Sala de Enfermagem, local definitivo até a realização do espetáculo “*Nosso Tempo é Quando?*”, no mês de outubro de 2025.

¹⁴ site como fonte para a citação. Acessado no dia 16/06/26 às 18h: [HUGG em risco: fusão ameaça hospital histórico do SUS - ASUNIRIO | Associação dos Servidores Técnicos Administrativos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro](#)

¹⁵ A palavra sucateamento no meio hospitalar é definida pela falta de recursos e investimento para funcionamento e manutenção adequada de hospitais;

¹⁶ Responsável pela supervisão e gestão operacional dentro de uma instituição.

1.3 Espaço de Construção: A partir das memórias

A sala de Enfermagem se encontra na lateral do hospital, nos fundos. O espaço é voltado para os alunos da UNIRIO e conta com um quadro de piloto e 30 cadeiras escolares. A mudança de sala foi um facilitador para as aulas de teatro. Pois, nessa nova sala, as cadeiras podiam ser arrastadas e empilhadas nas extremidades do ambiente. Devido o espaço ser maior, se assemelhando com o oficial, o da casa amarela, foi possível ver a diferença, em comparação com Hall da antiga oncologia, que o espaço exerce sobre o acontecimento teatral. Como na figura a seguir.

Figura 6 — SALA DE ENFERMAGEM



Fonte: Acervo pessoal — (Visão de uma parte do interior da sala) — integrantes na figura: 7 participantes e 5 estagiários do programa Renascer.

Agora, os participantes puderam explorar ilimitadamente o local e os jogos, mais complexos. Também, com um espaço mais amplo e definitivo para as atividades do programa, novos alunos puderam ingressar no projeto.

A maior dificuldade era externa à sala. Ao lado dela, havia um corredor enorme a céu aberto em que os funcionários e os pacientes transitavam o dia todo. Também nele,

carros e mini caminhões descarregavam materiais hospitalares. Esses ruídos dificultavam o andamento dos encontros. É necessário sempre lembrar que por serem pessoas vividas, as condições das aulas eram tão importantes quanto as atividades. Por exemplo, quando as portas da sala estavam fechadas, apesar de isso abafar um pouco os barulhos, o isolamento afetava a saúde respiratória dos integrantes do grupo. O ar-condicionado também causava os mesmos problemas. Assim, era necessário que as portas permanecessem abertas para a entrada natural de ar na maioria dos encontros. Uma consequência foi que as pessoas do hospital puderam observar o trabalho do grupo.

Enquanto estagiei no projeto, às vezes acontecia de me esquecer do local em que estávamos. Porém, algumas situações me situavam novamente na realidade. Um exemplo disso foi em um dia em que estávamos eu, outro estagiário e uma participante do grupo do lado de fora da sala de enfermagem. Do nosso lado, passou algo que nos chamou a atenção. Três maqueiros empurravam uma maca de aço. Sua aparência era gelada. Eu sabia disso mesmo sem tocá-la. O objeto tinha quatro pés com rodas, dois puxadores de cada lado e uma altura da cintura de uma pessoa. Na maca estava um corpo morto. O corpo de um ser humano enrolado em lençóis brancos, dos pés à cabeça, sem deixar partes à vista. Só a silhueta aparentava ser a de um indivíduo. Esse acontecimento me fez refletir que esquecíamos que aquele território era um hospital e as contingências que isso implica. Era sabido que me esbarraria com cenas como esta, afinal *“nascemos, nos reproduzimos e morremos”*; porém, é possível renascer.

A palavra *“renascer”* tem um significado singular para as pessoas que integram o grupo. Quando se pensa sobre pessoas vividas, a morte é a primeira coisa que vem à mente. O corpo envelhecido, perdendo a vida, se preparando para o fim. Mas, será só isso? Talvez seja o corpo envelhecido de tanta vida. Essa abordagem instiga novas possibilidades de um processo teatral dialogando com a vida sem abordar a morte. Foi o que buscamos. Que os participantes contassem suas vidas sem que a morte fosse o tema central da cena. Mais à frente, abordarei a metodologia dos encontros para explicar detalhadamente como se deu essa construção.

Minha escolha por abordar memórias e espaços se dá por conta de uma inquietação que me acompanha por alguns anos na minha trajetória acadêmica. Provavelmente devido às primeiras experiências de teatro em locais improvisados. Além disso, um acontecimento pessoal revivido ao ver o corpo na maca me fez investigar a ligação entre memória e teatro.

Tudo relacionado ao *Teatro Renascer* lembra meu avô *Antônio Fernando Rocha*. Foi num hospital que, em 2023, enfrentei uma luta para manter a pessoa que eu mais amei viva. Infelizmente, não foi possível. Estagiar no *Renascer* durante o ano de 2025 me ofereceu a possibilidade de reelaborar esse acontecimento da minha vida.

CAPÍTULO 2 MEMÓRIAS DO ESPETÁCULO

O trabalho para a criação do espetáculo me desenvolveu um interesse, pelo questionamento da seguinte proposta: e se só fosse possível fazer teatro em hospital?

Augusto Boal reflete sobre as possibilidades de se fazer teatro em outros contextos que os de determinada estrutura.

O mais importante é fazer um teatro que tenha a perspectiva do povo, a perspectiva da mudança. Se se puder fazer esse teatro nas praças públicas, muito bem; se só se puder fazê-lo na casa humilde de um operário, ou para poucos operários de uma vez, igualmente muito bem;(pag,27) [...] O teatro, para ser “popular”, tem de ser “revolucionário”, não importa onde se realiza o ato teatral. (BOAL, 1977, p. 17)

Segundo Boal, para o teatro ser popular, ele tem de ser revolucionário. Nesse ponto, surge o questionamento: como o *Teatro Renascer* se relaciona com essa perspectiva? O *Teatro Renascer* oferece a um grupo de pessoas vividas a autonomia de contarem suas histórias para além da percepção externa de serem pessoas vividas. Apesar de ser simples, essa operação faz com que não seja possível determinar o que é a velhice a partir de uma generalização. Assim, cada corpo experimenta a passagem do tempo de uma determinada forma, levando em consideração a história única daquele indivíduo. Apesar do *Teatro Renascer* aplicar essa abordagem, o projeto ainda não é revolucionário, mas podendo ser um possível revolucionário, já que não abrange toda a terceira idade e fica articulado apenas a um pequeno grupo.

A ideia e do espetáculo surgiu como objetivo de gerar um produto a partir da abertura de um edital de iniciação artística e cultural da pró-reitoria de extensão e cultura da UNIRIO. No qual, esse novo projeto disponibiliza uma bolsa de auxílio financeiro, como incentivo acadêmico para alunos da Unirio. A Renata Chiquetto aluna de licenciatura em música do Instituto Vila Lobos -UNIRIO, foi contemplada pela bolsa do edital, para auxiliar na construção da peça “*Nosso Tempo é Quando?*”.

Nos próximos cinco subcapítulos, abordarei o processo de desenvolvimento do espetáculo “*Nosso Tempo é Quando?*” e sua perspectiva pedagógica, levando em consideração a autonomia dos participantes do projeto e utilizando como apoio o roteiro construído coletivamente (Anexo A).

2.1 Lembranças de uma infância ganhando a cena

A base metodológica para o desenvolvimento do espetáculo foi a memória dos participantes. Nas reuniões realizadas às sextas-feiras, elaborávamos coletivamente o planejamento para a semana seguinte. Nós não nos apoiamos em autores específicos como influência para construção das aulas. Havia liberdade para os licenciandos se responsabilizarem pela condução de jogos durante as aulas, considerando suas pesquisas e interesses. Ainda assim, sempre era discutido se o jogo escolhido se adequava funcionalmente para aquelas pessoas naquele momento.

No meu caso, busquei utilizar autores e jogos que marcaram minha trajetória e que dialogassem com a linguagem e a circunstância do grupo. Nas aulas que frequentei na universidade e fora dela, sempre busco anotar algumas dinâmicas que acho interessante. É importante salientar que quando falamos de jogos teatrais, é difícil saber quem foi seu autor. Existem inúmeras versões do mesmo jogo, com nomes diferentes, e até mesmo uma variação dentro do próprio jogo. Dentre as pesquisadoras, os trabalhos da Viola Spolin¹⁷ e da Ingrid Koudela¹⁸ foram os que mais me guiaram no processo.

Devido às limitações do lugar, os jogos eram adaptados à estrutura do espaço. Alguns deles foram desenvolvidos para que os participantes se mantivessem sentados, como, por exemplo, o telefone sem fio (uma pessoa pensa em uma palavra e fala bem baixinho no ouvido do colega — o tom da voz precisa ser direcionado apenas a essa pessoa, de maneira que os demais não ouçam. Após o colega ouvir a palavra, ele irá passar para o que está ao seu lado e assim em diante até que todos tenham ouvido a palavra criada pelo primeiro participante. Quando o último ouvir a palavra criada, ele precisa falar a palavra que lhe foi dita.)

Utilizamos o mesmo jogo em outras variações, com frases no lugar das palavras. A música também era utilizada neste exercício, com nomes e trechos de canções que mais marcaram a vida dos participantes. O intuito desses jogos era desenvolver a atenção, a criatividade e, principalmente, a memória deles.

Outro jogo foi o de utilizar um objeto e criar uma história a partir dele. Todos contavam uma única história de forma coletiva. Enquanto o primeiro começava a narrativa, os

¹⁷**Viola Spolin** foi uma autora e diretora teatral americana, muito conhecida por sua metodologia de jogos teatrais;

¹⁸**Ingrid Koudela** é uma figura importante na área pedagógica e didática do teatro na educação no Brasil. Ela introduziu e adaptou para o português a metodologia de jogos teatrais de Viola Spolin no país.

demais deveriam ter atenção, porque logo poderia ser a vez deles de dar continuidade à história. Quando chegasse a hora do último participante, a fábula deveria ser finalizada, concluindo a narrativa que foi desenvolvida por todos. Essas dinâmicas ajudaram os alunos a se preparar para onde iríamos caminhar durante o processo de criação do espetáculo.

Todavia, houve algumas dificuldades encontradas pelos participantes durante os jogos. A principal foi o medo de expressar sua imaginação através da narrativa. Além disso, o fato de estarem na frente de todos. Outra dificuldade foi a falta de atenção. A partir desses resultados, foi possível buscar alternativas de exercícios ou novas adaptações deles.

Com relação às dificuldades espaciais, o fato de sermos em média doze pessoas no mesmo lugar revelou que o corpo e a escuta era um elemento primordial a ser trabalhado. Então, empilhamos as cadeiras em um dos cantos da sala e propusemos um jogo que tivesse o objetivo de expressão corporal: uma pessoa daria seis comandos, acompanhado de seis números e seis gestos. Os movimentos relacionados a cada número eram criados por um aluno de cada vez. Assim dando liberdade para que eles se expressassem corporalmente, da maneira que mais desejassem.

Um dos participantes fazia um movimento com o comando de um número, e todos copiavam. Andando pelo espaço do hall. Após finalizar a criação dos gestos de cada número, o jogo se inicia.

Era necessário ter a atenção voltada para o jogo, quando os números eram ditos por um líder, todos precisavam demonstrar o gesto respectivo daquele número. Os movimentos foram criados e baseados em danças, na qual, todos os participantes definiram.

O jogo proporcionou uma expressão de divertimento, com o corpo por inteiro. Mostrando que aquele espaço, podia ir além, mesmo nos impedindo com sua estrutura estreita e pequena. Nesse exercício, o que poderia ser erro, se tornou em expressão corporal, ajudando a relembrar os tempos antigos de aula de teatro na casa amarela, que era possível variar as atividades por completo.

Através dos jogos, todo material relacionado a memórias dos participantes que surgia era registrado para a utilização futura no espetáculo. Assim como um material que foi desenvolvido no segundo semestre de 2024 retornou ao processo.

O Grupo Galpão¹⁹ tem uma música chamada *Flor Minha Flor*, do espetáculo *Romeu e Julieta*:

¹⁹ O Grupo Galpão é uma companhia de teatro do Brasil fundada em 1982 em Belo Horizonte, com foco em teatro popular e de rua.

Flor minha flor
 Flor, vem cá!
 Flor minha flor
 Laia laia laia

Flor minha flor
 Flor, vem cá!
 Flor minha flor
 Laia laia laia

[...](Domínio Público²⁰ - 1993)

Essa canção foi utilizada em 2024 em uma das atividades daquele ano. Tendo em vista que os alunos do *Teatro Renascer* já a conheciam, foi proposto que eles juntassem a canção com outras cantigas de roda e de rua²¹ de suas infâncias. Como a maioria deles possuem a faixa etária entre 60 e 90 anos, ou seja, as suas infâncias se deram em momentos próximos para alguns e distante para outros, porém foi possível escutar as mesmas cantigas e recordar algumas esquecidas.

Entendendo que as cantigas de roda se encaixariam como ferramenta para acessar essas memórias da infância dos participantes, servindo tanto para um desenvolvimento de saúde como para a elaboração de um espetáculo teatral, para explorar momentos vividos no passado, propusemos a seguinte estrutura de encaixe entre as cantigas:

Flor minha flor
 Flor, vem cá!
 Flor minha flor
 Laia laia laia

Ciranda Cirandinha Flor, vem cá!
 Vamos todos cirandar Flor, vem cá!
 Vamos dar a meia volta Flor, vem cá!
 Volta e meia vamos dar Laia laia laia

O Anel que tu me destes Flor, vem cá!
 Era vidro e se quebrou Flor, vem cá!
 O amor que tu me tinha Flor, vem cá!
 Era pouco e se acabou Laia laia laia (Cantiga Popular adaptada²²)

A cantoria acontecia com os participantes em pé formando uma roda. Os que possuem alguma condição física que os impedisse de ficarem pé, ficavam sentados em

²⁰ A canção é de domínio público e foi adaptada pelo o grupo galpão para o espetáculo "Romeu e Julieta" (obtive essa informação com o ator e um dos fundadores do grupo, Eduardo Moreira);

²¹ Canções que fazem parte do folclore brasileiro, passada de geração em geração;

²² Ciranda cirandinha, uma cantiga do folclore brasileiro.

cadeiras ainda em roda. Durante a atividade, os corpos dos participantes eram convidados a se expressarem da maneira que desejassem.

Figura 7— FLOR MINHA FLOR



Fonte: Acervo Teatro Renascer —cena da fase da infância, no dia de apresentação — (canção flor minha flor) (visão do público para o palco)
— Integrantes na figura: 5 participantes do programa Renascer.

Um fator importante para a utilização das cantigas foi a presença da estagiária do curso de música, Renata Chiquetto que tocava violão enquanto os participantes cantavam juntos a primeira estrofe do *Flor Minha Flor*. Na parte da cantiga de roda podia ser cantada por uma única pessoa ou por uma dupla, com os demais dando suporte. Para o espetáculo, escolhemos criar uma cena com esse jogo feito por duplas formadas por licenciandos e participantes do projeto, demonstrando o trabalho intergeracional.

Os participantes gostaram tanto da experiência que chegaram a cantar até quinze cantigas de roda seguidas, transitando entre músicas da infância das pessoas vividas e as atuais, da época dos licenciandos. A liberdade para essa troca intergeracional, com quase um século de diferença entre as canções, gerou um efeito cômico e de brincadeira infantil. Por isso, decidimos iniciar o espetáculo com ela.

Figura 8 — CENA FLOR MINHA FLOR

Fonte: Acervo Teatro Renascer— cena da fase da infância, no dia de apresentação — (canção flor,minha flor)— (visão do público para o palco) —Integrantes na figura.: 3 participantes e 3 estagiários do programa Renascer.

Com a primeira cena decidida, a da infância, era necessário partirmos para a próxima etapa, a da adolescência. Nesse momento, além da necessidade de um espaço maior, também havia a demanda de mais estagiários voluntários. Na terceira semana de maio, passamos a ocupar a sala de enfermagem e recebemos mais licenciandos como voluntários, da disciplina de estágio IV.

2.2. Lembranças da Adolescência nas páginas de um roteiro

Na aula do dia 21 de maio de 2025, o projeto de *Teatro Renascer* conheceu a sala de enfermagem. Um lugar que não imaginávamos que iríamos ficar até o dia da apresentação, em outubro. Levando em consideração, que os responsáveis pela obra do espaço oficial, na casa amarela, davam um prazo novo de retorno todo mês.

Após a primeira fase do espetáculo pronto, o próximo objetivo era explorar e desenvolver a fase da adolescência. De acordo, com a reunião feita na semana anterior, iríamos fazer uma dinâmica no primeiro dia de aula na sala de enfermagem. A atividade abordaria os assuntos sobre a adolescência no geral, com os participantes do projeto. Ao chegar no local, no dia do encontro, uma quarta-feira, um dos objetos que tem em sala, chamou a atenção dos alunos, tornando-se o assunto do dia. Havia muitas cadeiras escolares nesse espaço, tendo que empilhá-las para que pudéssemos utilizar o espaço.

No instante em que os alunos se depararam com essas cadeiras, as histórias da época de escola, logo surgiram de forma espontânea, dando abertura para lembranças de “namoricos” — uma palavra muito dita pela minha avó e alguns alunos do projeto que se refere a namoro. Os participantes do projeto se empolgaram com esse assunto, demonstrando que era um desejo falar sobre suas relações, ou, formas de se relacionar na adolescência. Contudo, conseguimos afunilar o assunto para a dinâmica, que anteriormente estava sendo planejada com abordagens mais amplas. Podendo agora trazer um melhor direcionamento, para facilitar o entendimento da atividade proposta.

Para se construir a fase da adolescência, optamos por utilizar uma dinâmica de contação de história que eu pude vivenciar e conhecer em um curso de “máscaras no teatro popular”. O curso foi oferecido pela instituição *Viva Zona Oeste*²³ de forma gratuita a pessoas de baixa renda na zona Oeste do Rio de Janeiro. Ele era de faixa etária livre e frequentado tanto por crianças quanto pela terceira idade. Lembrando das vivências nesse curso, percebi que uma das dinâmicas poderia se desenvolver bem com os participantes do projeto *Teatro Renascer*. Foi interessante perceber como que em um espaço em que estive como uma educanda, experimentando e absorvendo o que me era ensinado, agora eu também conseguisse aplicar como licencianda no *Renascer*, com um grupo de pessoas vividas.

²³ É uma associação cultural e artística fundada em 2008 e agora também um ponto de cultura na Zona Oeste RJ.

Figura 9 — DINÂMICA DE NARRAÇÃO

Fonte: Acervo pessoal — (sala de enfermagem, dinâmica da narração)— Integrantes da figura: 4 participantes do programa Renascer.

E como funcionou a dinâmica? Além dos licenciandos, tínhamos nove alunos, em sala e, foi pedido para que os participantes formassem duplas e um trio. O comando da atividade era o seguinte: cada indivíduo, iria pensar em um momento da sua trajetória, abordando um período de paquera²⁴ ou namoro na adolescência. Após relembrar a própria história, a pessoa precisaria contar para a sua dupla, ou trio, vice e versa. No momento de compartilhar, enquanto um aluno ouvisse a história do colega, teria que ter atenção, porque a narrativa contada pelo o outro, agora seria a do ouvinte, ou seja, da outra pessoa que estava compondo a dupla ou trio. Após a troca de histórias, cada participante se direcionaria a um determinado local, que foi colocado uma cadeira isolada, para acontecer a contação. Ao iniciar a narrativa de seu colega, o aluno precisaria contar como se aquela história fosse sua, e não como se alguém contou para ele.

²⁴ Um termo que se refere a flerte.

Figura 10 — DINÂMICA DE NARRAÇÃO DUPLA 1



Fonte: Acervo pessoal — (sala de enfermagem, dinâmica da narração)
— Integrantes da figura: 2 participantes do programa Renascer.

Figura 11 — DINÂMICA DE NARRAÇÃO DUPLA 2



Fonte: Acervo pessoal — (sala de enfermagem, dinâmica da narração)
— Integrantes da figura: 2 participantes do programa Renascer.

Apesar de ter ocorrido bem a dinâmica, houve uma mescla de narrativas, devido a alguns alunos esquecerem as histórias que foram contadas por seus colegas. Sendo assim, se

apoiaram em suas próprias histórias no momento de contação. Fazendo com que todos os demais no ambiente permanecesse na dúvida, se a narrativa era do próprio ou da outra pessoa da dupla.

Buscando variações com essas narrativas, retiramos a cadeira que era usada como ferramenta para a contação. Trazendo então, uma complexidade corporal maior. Tentando demonstrar que o corpo pode contar histórias assim como era passado através das palavras.

É solicitado ao ator que mostre com seu corpo fragmentos de sua memória ou, ainda, imagens marcantes que foram evocadas no decorrer da narração. A proposta é transformar o trabalho da reminiscência em um jogo de recordação, no qual o corpo toma parte direta na reconstrução da memória. (SOARES, 2016, p.13)

Como afirmado por Carmela, existe uma necessidade de o corpo ajudar no resgate das memórias. No jogo aplicado com os participantes do projeto, é perceptível que quando o corpo faz parte da história, e ela ganha movimentos corporais ligados a narrativas que agora estavam sendo contadas, se amplia o horizonte de memória e vivências.

Quando me recordo desse momento do processo na de construção da adolescência, todo o jogo e a brincadeira com a narração, me remete aos meus avós maternos. Momentos da minha infância e juventude, no qual, eu podia ouvir essas histórias contadas de forma natural. Ao ponto de quem estivesse ouvindo, conseguiria imergir na história. Podendo sentir e visualizá-la na sua cabeça, como se você estivesse no momento do acontecimento.

Ao acabar a luz de casa, a rotina entre mim e meus avós, se dava em acender velas e ligar um radinho de pilha. Nos amontoávamos no sofá, ou em dias de muito calor, no chão fresco, deitados. Ali começava o meu momento preferido em dias de apagões, de ter a oportunidade de saber sobre a vida deles. Acredito que se eu fosse escrever 10 livros sobre as histórias contadas por eles, não seria suficiente. Mesmo após a morte do meu avô, entendi que vinte e quatro anos juntos não foi suficiente para ouvir tudo que ele tinha para contar.

Com a minha vó ainda em vida, posso me deitar em suas pernas, enquanto ela acaricia minha cabeça, para saber mais da vida deles, para ouvir as mesmas histórias contadas inúmeras vezes, principalmente as minhas preferidas.

A importância dos alunos do *Teatro Renascer* se colocarem nesse jogo com corpo, é para trazer esse lado pessoal, que já está impregnado em nossas vivências e formas de contá-las. A proposta durante todo o processo de montagem do espetáculo, foi que os alunos pudessem se sentir confiantes e descontraídos, no que estavam contando para o público. No entanto, quando foi solicitado para pôr o corpo em cena, alguns participantes ficaram

retraídos e tiveram dificuldades. Desta forma, foram implantados outros exercícios que pudessem desenvolver e explorar ainda mais o lado corporal.

Diante disso, deixamos a correria de montar um roteiro com urgência, para focar no que entendíamos como básico. Importante destacar que metade dos alunos estavam inscritos no programa há alguns anos, tendo assim, uma relação com o teatro mais desenvolvida. A outra parte dos alunos, no entanto, estava vivendo essa experiência com o teatro pela primeira vez durante o processo. Devido a isso, voltamos a trabalhar o corpo em jogos livres levados pelos licenciandos, e com foco voltado para o espetáculo.

Figura 12 — EXERCÍCIO DOS ELEMENTOS



Fonte: Acervo Renascer — (sala de enfermagem, exercício dos elementos naturais) — Integrantes da figura: 3 participantes e 3 estagiários do programa Renascer.

A imagem acima retrata o jogo corporal, que mais gerou efeito, levado por um dos licenciandos voluntários, a *Josie*. O exercício era basicamente se mover como elementos naturais, fogo, ar, água e terra. Foi um encontro produtivo, podendo explorar algo que dificilmente na sala de espera da antiga oncologia conseguiríamos.

O jogo teatral mencionado teve como objetivo despertar o corpo dos participantes, usando a criatividade como ferramenta para explorar diferentes movimentos de elementos que não são concretos. Tivemos também o cuidado de adaptação do exercício para alunos do

projeto que por conta de alguma condição física necessitam estar sentados. Assim como afirmado por Viola Spolin na citação abaixo. “Os jogos teatrais foram desenvolvidos para todas as idades e contextos. Quando necessário, os jogos podem ser modificados ou alterados para adaptar-se às limitações de tempo, espaço, deficiência físicas[...]” (SPOLIN, 2010, p.47)

Com o trabalho corporal mais desenvolvido, partimos para exercícios que trabalhassem a narração, como o mencionado no início do capítulo (o jogo de montar uma única história coletivamente a partir de um objeto). A licencianda em música, Renata, apresentou uma dinâmica diferente para os alunos, que exploraram diferentes formas de expressar uma única frase.

Os participantes e licenciandos sorteavam dois papéis cada um de uma caixinha. Na primeira caixinha continha escrito versos de uma música que estávamos trabalhando, no qual, abordarei mais à frente no capítulo dois. Em outra caixinha, havia uma ação ou forma de se portar. Após esses dois sorteios, cada um precisava ler a letra da música com a ação sorteada. Por exemplo: (ler frases como um cantor de ópera, ou como, se alguém quisesse fazer xixi, ou como uma pessoa triste etc.) Foram explorados diversos estímulos, contribuindo também com o trabalho corporal.

Após duas aulas focando em jogos que desenvolvessem a parte da adolescência, eu me ausentei do projeto *Teatro Renascer* por três semanas. Meu pai faleceu no dia 31 de maio, devido a um câncer no intestino²⁵. Ele já lutava contra essa doença a alguns meses, porém durante aquele período do mês de maio o câncer se intensificou, tornando-se uma fase delicada.

Eu não tinha o mesmo nível de relação com meu pai, assim como era com o meu avô materno, mencionando em alguns momentos neste trabalho. De alguma forma, o que meu pai estava passando mexeu com o meu psicológico e rotina. Após a sua partida, quase tudo ao meu redor se transformou em caos, principalmente o trabalho, família e faculdade.

Embora a minha ausência no *Renascer*, não tenha se prolongado por tantas semanas, percebi que antes de me ausentar, durante esse tempo delicado da minha situação familiar, eu estava no projeto apenas de corpo presente. Eu não sentia mais a ligação que me atraiu para lá, por isso, até repensei se eu merecia retornar e prosseguir como bolsista. Cheguei a pensar que talvez eu não seria uma boa contribuinte para o que era construído naquele espaço e com aquele grupo. Porém, quando retornei, no final de junho, os abraços que recebi, e os olhares

²⁵ Um tumor maligno que se desenvolve nas paredes do intestino grosso.

de carinho de cada aluno desse projeto, alimentou uma chama que eu precisava, para me dedicar mais e amar mais ainda o que eu estava fazendo. Foi necessário eu recriar esse vínculo, para que eu pudesse ter um apego maior ainda com o *Teatro Renascer*.

Durante as três semanas que estive ausente, os desenvolvimentos para a fase da adolescência continuaram sendo administrados pelos outros licenciandos e a Nathali.

Ao recolher os relatos dos participantes sobre suas vivências de “namoricos”, os licenciandos, junto da Nathali, reconheceram uma semelhança entre as histórias de paqueras. Todas elas eram sobre o primeiro amor, o primeiro beijo, o primeiro toque nas mãos. Tendo essas informações, foi criado e escrito a segunda cena do espetáculo. Percebendo que não havia necessidade de escolher uma ou duas narrativas, mas adaptar todas que foram oferecidas e contadas com tanto carinho.

Figura 13 — CENA DE PAQUERA



Fonte: Acervo Renascer — (sala de enfermagem, construção da cena de paquera)
— Integrantes da figura: 4 participantes e 1 estagiária do programa Renascer.

A marcação da cena, se estabelecia com um narrador se posicionando no proscênio²⁶, no lado esquerdo do palco, pela visão do público. Ao fundo do mesmo, cadeiras de plásticos foram posicionadas uma ao lado da outra na horizontal. Além do aluno que apresentava essa narração, os demais participantes e licenciandos do projeto, permaneceram sentados nessas cadeiras no fundo do palco. Essa era a estrutura cênica inicial da cena.

²⁶ Espaço no palco mais próximo do público.

O roteiro da cena foi desenvolvido da seguinte forma: A narração abordava o assunto da transição da criança para adolescência quando novas curiosidades começam surgir. (Não são mais apenas brincadeiras infantis, existe agora um mundo novo a se explorar.)

A participante Ma, sentada nas cadeiras do fundo do palco na ponta direita, pelo olhar do público, representava o personagem do “Pai”. As demais, nos assentos ao lado, eram a figura das filhas.

Figura 14 — CENA 1 DA ADOLESCÊNCIA



Fonte: Acervo Renascer— (Dia da apresentação, no palco – cena 1 da fase da Adolescência) — Integrantes da figura: 6 participantes, 8 estagiários do programa Renascer, e o público de costas.

A narrativa da cena era demonstrar essa transição da infância para a adolescência. (O Pai lendo um livro infantil para suas filhas, até que todas dormem. Logo após, a figura paterna também cai no sono. Dando oportunidade para uma das jovens acordar e fugir pela janela, para encontrar um namorado. Por conta dessa situação, as outras irmãs se levantam uma de cada vez, para agir da mesma forma.) Representando a curiosidade pelo desconhecido, quando uma vai atrás do namoro sem a permissão do pai, as outras buscam entender esse sentimento do que é namorar.

Figura 15 — CENA 2 DA ADOLESCÊNCIA

Fonte: Acervo Pessoal — (sala de enfermagem, construção da cena 2 da fase da Adolescência) — Integrantes da figura: 7 participantes do programa Renascer.

Na cena seguinte, ainda abordando a adolescência, se passa em uma fase um pouco mais à frente da anterior. O roteiro nesse ponto estabelece o jogo de flerte entre os jovens. O papel do narrador ainda cena, dialoga com o público, o medo do flerte. Enquanto isso, no jogo da cena, quatro participantes atuam o que era falado pela figura do narrador. O roteiro define a brincadeira das primeiras cantadas e sedução entre os personagens, levando o primeiro toque na mão entre os pombinhos, como o ponto principal e marcante da cena. Logo em seguida se desdobra, para o interesse de como funciona o beijo, com um diálogo entre amigas.

A figura musical esteve presente em todo o espetáculo criado e administrado pela bolsista Renata. Na cena final da fase da adolescência, foi composta por músicas de rock dos anos 60, escolhidas pelos próprios participantes do projeto. As canções eram acompanhadas pelo violão e a voz como a capela de todos os participantes e licenciandos que estavam no palco. Assim, chamando todo o público para se juntar e cantar as músicas enquanto dançávamos em cena.

Figura 16 — CONSTRUINDO MUSICALIDADE



Fonte: Acervo Pessoal — (sala de enfermagem, construção da musicalidade do espetáculo) —
Integrantes da figura: 1 participante e
1 estagiária do programa Renascer.

A aluna participante T, de 97 anos, é uma das primeiras integrantes do programa, do qual participa há 30 anos. É uma mulher que se expressa muito bem através de poemas e que aprendeu a construí-los em uma oficina do próprio *Programa do Renascer*, porém que não existe mais. Ela gosta de criar letras de músicas e criar também paródias em cima de canções originais. Durante o nosso processo de construção do espetáculo, fomos presenteados com uma música que a participante T criou. Ao longo das aulas, o assunto da paquera na adolescência, reverberou nela de tal forma, que ela se sentiu a vontade de adaptar uma letra de música antiga de sua autoria e compartilhar com todos nós. Segue a letra da música:

(SEM TÍTULO- Compositor e Interpretre: Participante T)

“EU ESTOU APAIXONADA POR UM GAROTÃO

garotão só quer aquilo, aquilo não posso dar

papai e mamãe disse: só depois de casar

Ui, ui ui - coro

Ai aiai - coro

desculpe meu papai, eu sempre ouvi dizer que aquilo é um barato e eu resolvi experimentar o ato

a mamãe me disse filha espere um pouco, se o teu pai descobre

acaba ficando louco

você, filha preferida

ele quer te ver casada com filhos e marido

ai, mamãe, eu não aguento não - coro

eu estou apaixonada

por aquele garotão - coro

ai mamãe, eu não aguento não - coro

eu estou apaixonada

por aquele garotão -coro

mamãe, quer saber de uma coisa?

eu já estou indo! kkk”

ai, ai, ai - coro

ui, ui, ui - coro

ai, ai, ai - coro

UI, UI, UI – CORO

“sem título – 2025”

A atriz participante T, cantaria a sua própria música com um acompanhamento de violão enquanto os demais se ajeitavam para a próxima cena.

Figura 17 — PARTICIPANTE T CANTANDO SUA MÚSICA

Fonte: Acervo Renascer— (Dia da apresentação, no palco –Participante T cantando sua música no espetáculo)— Integrantes da figura: 4 participantes, 7 estagiários do programa Renascer, e o público de costas.

A fase da adolescência é concluída, basicamente a metade do espetáculo. Ainda tínhamos em média três meses para finalizar o roteiro, com as demais fases da vida.

2.3 Lembranças de uma memória que já aconteceu, mas ainda persiste: vida adulta

No dia 09 de julho, iniciamos a abordagem sobre a vida adulta. O maior questionamento pelos licenciandos, seria como criar e desenvolver junto com os participantes, um assunto complexo. A Nathali teve a ideia de partir do simples, de nos juntarmos à roda e conversar. Esse ato, era comum em nossos encontros, de compartilhar em grupo, de como foi nosso dia, como estávamos nos sentindo em relação a vida e com o processo de criação do espetáculo. A diferença é que agora a roda de conversa seria guiada por um questionamento: Quando a sua ficha caiu de que você era adulto?

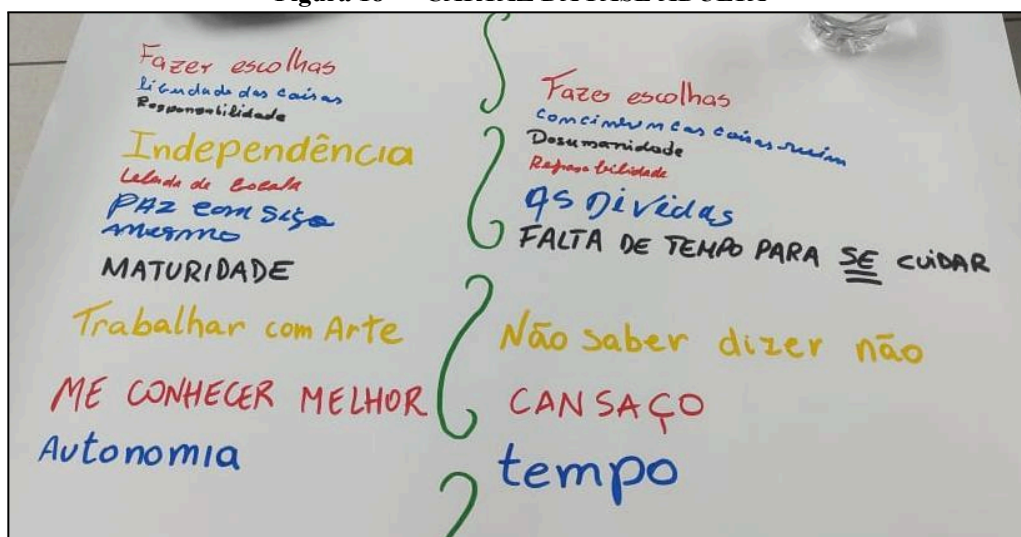
Ainda não abordei neste memorial o fato de que os participantes do projeto *Teatro Renascer*, desde o início da construção do espetáculo “*Nosso tempo é Quando?*”, foram composto apenas por um grupo de pessoas vividas mulheres. O motivo de compartilhar somente nesse momento se dá pelo desdobramento da conversa em roda de quando a nossa ficha caiu de que éramos adultos. Entendemos que a maioria dos compartilhamentos, se dá, pelo fato de sermos figuras femininas, dividindo experiências similares.

No momento da roda, tínhamos em média dez pessoas, todas mulheres. O projeto tem duas figuras masculinas, mas na posição de licenciandos voluntários, porém que não estavam no dia.

Não vou compartilhar as narrativas dos participantes e outros licenciandos presentes na dinâmica porque essas histórias são pessoais e delicadas, por isso não considero ético expor neste trabalho. Porém, abordando de forma geral, a ficha de quando nos tornamos adultos caiu em momentos em que fomos expostas a responsabilidades que não era direcionada a nós e muito menos a faixa etária. Levando em consideração que muitas, precisaram assumir um papel de responsáveis pela casa ou família, ainda na infância. Por outro lado, ser adulta para outras participantes, foi quando a liberdade chegou em suas vidas, quando saíram da casa dos pais, ou quando tiveram o primeiro emprego. As histórias se cruzaram e foram acolhidas em um espaço de segurança e de conforto. Um lugar que o *Programa Renascer* possibilita.

Na aula seguinte, criamos coletivamente um cartaz grande, feito de cartolina, que exemplificasse palavras que atravessassem os participantes na vida adulta. Nele, existiam duas colunas divididas entre palavras positivas e negativas a respeito do que é ser adulto. As palavras se repetiam nas duas ocasiões, levantando um debate, sobre o significado de cada uma e o que elas poderiam representar nos dois lados.

Figura 18 — CARTAZ DA FASE ADULTA



Fonte: Acervo pessoal — (Cartaz de cartolina da dinâmica para a construção da fase adulta)

Este assunto abordado no cartaz, se desdobrou em debates, sobre as palavras mencionadas e escritas no papel pelos participantes. Buscando entender o significado de cada uma e como elas se aplicam na vida de cada pessoa.

Durante esse debate, uma das participantes do projeto, imaginou, em meio ao falatório, anjos e demônios dando suas diferentes opiniões e argumentos. A criação da cena foi a partir dessa dimensão, imaginamos essas figuras, como em um desenho animado. Na qual um personagem fica na dúvida de tomar uma decisão e surge diabinhos e anjinhos nos seus ombros, para lhe aconselhar sobre qual caminho deve tomar.

A marcação da cena se estabelece em duas fileiras de cadeiras de plástico na diagonal em cima do palco. Os participantes e licenciandos, se misturaram em dois grupos para ocupar cada linha de assentos. O grupo da esquerda pela visão do público representava a figura dos diabinhos e a da direita os anjinhos. No centro do palco a Carla, uma das licenciandas, esteve na posição do adulto que estava na dúvida sobre como é a vida adulta.

O roteiro da cena explorava as palavras colocadas lá naquele cartaz mencionado anteriormente, desdobrando os momentos de debates que tivemos, por exemplo: um grupo dizia pra Carla lados positivos de ter responsabilidades e os outros argumentos negativos sobre o mesmo assunto.

Figura 19 —CENA FASE ADULTA



Fonte: Acervo Renascer— (Dia da apresentação, no palco – cena da fase adulta) — Integrantes da figura: 5 participantes, 6 estagiários do programa Renascer e o público de costas.

Essa etapa do trabalho foi desenvolvida até a metade de agosto. Após isso, percebemos uma falta de percepção dos participantes de que aquilo que estávamos construindo era o espetáculo. As participantes tinham dificuldades de perceber os

desdobramentos dos jogos como cenas, para elas eram apenas jogos e exercícios de aula e que na semana seguinte seriam outros.

Decidimos, portanto, organizar as aulas de outra maneira. No início delas, antes de passarmos para um próximo exercício, repassávamos todo o material trabalhado até então. Além disso, as aulas passaram a ser chamadas de ensaios.

2.4 Para além das lembranças: O hoje das pessoas vividas

Em setembro, demos início à construção da última fase do espetáculo, abordando a terceira idade. No primeiro encontro, quando cheguei ao HUGG, fui abordada pelo segurança da entrada principal do hospital para apresentar a carteira estudantil. No entanto, uma das recepcionistas do local me informou que o asilo²⁷ era na sala de enfermagem nos fundos do edifício. Ela se referia ao *Teatro Renascer*.

Ao chegar na sala, todos estavam reunidos em roda para decidir coletivamente como seria abordada a última etapa do espetáculo sobre a terceira idade. Após alguns apontamentos sobre as possibilidades cênicas, senti a necessidade de compartilhar com todo o grupo o que ocorreu naquela manhã, sobre o fato de a recepcionista do hospital se referir ao Renascer como asilo. As participantes do projeto não se sentiram confortáveis com a postura e o pensamento da funcionária; por isso, definiram para todos os presentes na sala o que era ser uma pessoa idosa: *“Não sou idosa, sou uma pessoa que viveu muito, a palavra idosa é muito pesada”* (*Participantes Teatro Renascer*)

Foi então que nasceu o termo utilizado por mim neste trabalho: pessoas vividas.

"Pessoas vividas" passa a ser o nome escolhido para a última fase do espetáculo. Foi decidido, então, não haver necessidade de abordar o que comumente se espera de um grupo da terceira idade. Retomando a afirmativa que fiz no primeiro capítulo sobre a ideia de quando se pensa sobre pessoas vividas, a morte é a primeira coisa que vem à mente. O corpo envelhecido, perdendo a vida, se preparando para o fim. Buscou-se a abordagem de uma vida cheia de memórias e experiências, representada em um corpo acumulado de vida.

²⁷Asilo é um abrigo ou instituição com estabelecimento assistencial que acolhe e cuida de pessoas em situação de vulnerabilidade, como idosos, crianças ou necessitados.

Levando em consideração essa abordagem, a de uma pessoa com a bagagem cheia de vida, uma das licenciandas voluntárias, a Tati, teve a ideia de a cena ser estruturada como um programa de TV, no qual o grupo de pessoas vividas do projeto se sentavam em cadeiras e falava sobre sua especialidade: a vida.

Figura 20 —CENA DO PROGRAMA DE TV.



Fonte: Acervo Renascer— (Dia da apresentação, no palco – cena do programa de tv)— integrantes da figura: 6 participantes, 1 estagiária do programa Renascer e o público de costas.

Para as participantes demonstrarem em cena que eram especialistas da vida, criamos um questionário on-line — compartilhado com amigos, familiares e grupos em redes sociais — com a seguinte pergunta: “Se você pudesse fazer uma pergunta para uma pessoa idosa, qual seria?”.

Houve mais de trinta interações neste formulário, gerando diversas perguntas. Nos ensaios, fizemos uma curadoria junto aos participantes do projeto para selecionar os questionamentos que eles queriam responder dentro da cena que estava sendo construída. Como por exemplo:

— Qual a maior loucura que fez na juventude?

— Qual conselho você daria para um jovem?

— Como o idoso lida com sua sexualidade. Tema geralmente cercado de preconceitos e ideias do idoso ser assexuado?²⁸

²⁸ Neste questionário, foram elaboradas mais de 30 perguntas e elas constam no Anexo B.

2.5 Dia de criar novas lembranças: Estreia do Espetáculo.

Para o dia de apresentação, precisávamos de um flyer de divulgação da peça. Em um dia de encontro, nos reunimos para tirar fotos das participantes do projeto *Teatro Renascer* e poder fazer a arte a partir disso.

Figura 21 — FLYER DE DIVULGAÇÃO



Fonte: Acervo Renascer— (Flyer de divulgação do espetáculo
Nosso Tempo e Quando)— Foto: Ferreira —
Arte: Carla Resende e Júlia Isis—Integrantes
da figura: 6 participantes do programa Renascer.

O espaço de apresentação sempre foi uma de nossas preocupações. Embora de nossas aulas de teatro serem em espaços que eu considero não convencionais, existia a dúvida se faríamos em um espaço que se encaixasse nos padrões, ou, em um lugar que nos traria desafios.

A apresentação ocorreu através da Semana de Integração Acadêmica (SIA), no campus do Centro de Letras e Artes da UNIRIO. Um evento em que os bolsistas da universidade apresentam seus projetos para o público e uma banca avaliadora. Devido a isso, o local de apresentação do espetáculo do *Teatro Renascer* foi definido pela organização da SIA.

Figura 22 — PALCO DA SIA

Fonte: Acervo Pessoal — (Palco disponibilizado pela organização da sua para a apresentação)

O palco tinha uma tenda em cima, porém as laterais estavam completamente abertas. Rajadas de vento atravessavam o palco, fazendo com que nós, licenciandos, nos preocupássemos com a saúde de todas presentes. O ambiente, continha outras atividades acontecendo ao mesmo tempo, como uma feira. Os estudantes apresentaram suas pesquisas com cartazes e banners, enquanto os ouvintes transitavam entre eles e o espaço onde estava localizado o palco.

Devido ao grande movimento no local, por conta da feira de exposições de pesquisas, a propagação da voz das participantes do projeto, nos preocupavam. Foi nos

oferecido, lapelas que estavam diretamente ligados a mesa de som, porém não tiveram serventia alguma. Os problemas técnicos ocorridos pelo som, foram um grande obstáculo durante a apresentação. Foi solicitado por parte da equipe do Renascer meses antes a organização da SIA, um cuidado maior com o grupo, principalmente por serem pessoas vividas e terem suas limitações. Foi comunicado, a necessidade de ser em um local fechado para a preservação da saúde e uma melhor condição de apresentação. Porém o nosso pedido foi ignorado pela organização e mantendo a apresentação em um local aberto com um palco improvisado.

Apesar das dificuldades técnicas e da falta de auxílio pela organização, o público esteve presente em grande massa. Por conta disso, algumas participantes ficaram nervosas, muitas delas nunca subiram em um palco, nunca falaram em público. Agora estavam ali, com todos os olhares voltados para elas. A recepção que o público deu, as fez se transformarem, se tornaram donas de si em cima do palco. Jogaram com o erro, brincaram e se divertiram.

Um dia após a apresentação recebemos avaliações simples e genuínas dos participantes de como se sentiram no momento da apresentação em um grupo de rede social. Como por exemplo: “Foi maravilhoso, sem palavras para expressar o dia de hoje, muita emoção para um dia só”.(PARTICIPANTE T) “Bom, a palavra que eu tenho é, GRATIDÃO a todos os envolvidos que me ajudaram a subir naquele palco hoje.”(PARTICIPANTE M) “Parabéns meninas, vcs foram incríveis, fiquei muito feliz” (PARTICIPANTE A) “Foi maravilhoso, meninas!!!”(PARTICIPANTE V) “Eu nunca imaginei enfrentar uma platéia.Kkkk” (PARTICIPANTE B) “Acho que eu estava bêbada”(PARTICIPANTE G) “Falar para aquela gente me olhando, meu DEUS só agora acordei !” (PARTICIPANTE L) “Foi muito bom! Eu amei! Foi excelente!” (PARTICIPANTE J) “Nem eu amiga , nunquinha”(PARTICIPANTE D) “Eu também, cheguei em casa , me belisquei , pra ver se estava acordada ou sonhando”(PARTICIPANTE C) “Nós mulheres recicladas, não estamos nem ON, nem OFF, estamos IN: in-críveis, in-resistíveis, in-teligentes, in-comparáveis e in-esquecíveis!” (PARTICIPANTE L) “Boa tarde meus amores o dia de ontem foi incrível, simplesmente maravilhoso, foi bom demais passar essas horas com cada um de vocês amei..”.

O espetáculo ocorreu muito bem apesar das questões. Todos os licenciados estavam em cena com elas e a Nathali. O fato de estarmos todos juntos se divertindo naquele momento, trouxe confiança para todos nós. A representação de um longo trabalho de construção, finalmente resultou no produto que era esperado. A apresentação no dia 22 de

outubro de 2025, deixou todos com gostinho de quero mais, tanto para nós, o grupo do *Teatro Renascer*, quanto para o público que assistia.

CAPÍTULO 3 MEMÓRIAS DE UMA RELAÇÃO INTERGERACIONAL

Como mencionado na introdução deste memorial, o Programa Renascer foi criado com o objetivo de promover saúde e qualidade de vida para as pessoas idosas. Além desse objetivo, o programa é marcado por uma iniciativa intergeracional, que estabelece uma relação de troca entre os participantes e os estagiários da UNIRIO.

Durante a construção deste memorial, se tornou ainda mais perceptivo para mim, a importância dessas relações entre diferentes gerações e o quanto ela se mostra potente no projeto *Teatro Renascer*. Nos encontros, essas potências geram uma facilidade de desenvolvimento nas aulas entre os participantes e licenciandos, através da intergeracionalidade.

Neste capítulo buscarei levantar o aspecto das relações intergeracionais de dentro do *Teatro Renascer*, dialogando com alguns pesquisadores da área da saúde. Estarão presentes também, relatos e experiências que ocorreram durante os encontros, os quais serão cruzados com análises e pensamentos de Paulo Freire e Augusto Boal, dentro da temática.

3.1 O Renascer como um programa intergeracional

O programa Renascer apresenta esse caráter intergeracional, reunindo pessoas de diferentes gerações, criando um espaço para que possa haver trocas de conhecimentos entre esses grupos. Mas quem são esses grupos? O quão diferentes são essas gerações? No *Teatro Renascer*, as faixas etárias variam entre 18 e 100 anos de idade, compondo o grupo de licenciandos/ estagiários, equipe e participantes do programa, o que transforma o projeto em uma vasta possibilidade de trocas de conhecimentos e experiências. Para além de apenas criar relações sociais entre si, o espaço do programa dá abertura para construção de novas memórias, que vão se perpetuar em alguns por um longo prazo e, em outros, pelo tempo que for necessário.

Essa [intergeracionalidade] deve ser entendida como medida que reforça as relações sociais e intergeracionais. Por meio de trocas de conhecimento, informações, pensamentos, ideias, sentimentos, experiências, habilidades, atitudes, dentre outros, a educação intergeracional contribui para transformação do indivíduo e, nessa cooperação e participação das diferentes gerações, pode ocorrer a transformação da sociedade (CASTRO *et al.*, 2024, p. 6)

Como afirmado no artigo acima, a relação intergeracional pode contribuir para a transformação dos indivíduos. Essa transformação pode acontecer em todos os integrantes no *Teatro Renascer*, desde uma participante de 97 anos até mim, uma aluna de licenciatura em teatro que sinto o impacto do quão potente essa linguagem de troca pode ser na vida de uma pessoa.

Quando se pensa em promoção a saúde de uma pessoa vivida, talvez a relação intergeracional, não seja o primeiro caminho a se considerar. Porém, no *Teatro Renascer*, esse vínculo é um dos principais condutores durante os encontros. Ao ler o artigo, “*intergeracionalidade e promoção da saúde: reflexões e desafios na atenção à pessoa idosa*” pude refletir, de forma teórica, sobre abordagens que se aplicam na prática no dia a dia em nossos encontros. Esses autores buscam defender a necessidade de um espaço para uma educação intergeracional que possa promover o envelhecimento bem-sucedido. Um programa que possa desenvolver uma abertura para o protagonismo de uma pessoa vivida, porém com uma condução através da relação intergeracional; assim como é perceptível na prática pelos licenciandos e funcionários que atuam no projeto de teatro no Renascer.

O protagonismo da pessoa idosa será possível quando os profissionais permitirem a ocupação do pensamento e voz dessa população nos espaços para a promoção da saúde. Em sendo assim, urge a necessidade de compreender a pessoa idosa, trabalhando competências e habilidades, colocando as em práticas e construindo espaços que permitam a sua atuação protagonista e proativa assumindo uma voz para potencializá-la pessoalmente e socialmente. (CASTRO *et al.*, 2024, p 5)

Durante o ano de 2025, o *Teatro Renascer* adotou essa abordagem que potencializou os pensamentos e vivências desse grupo de participantes dentro do projeto, o que culminou em um espetáculo na qual foi apresentado à sociedade.

O espetáculo “*Nosso Tempo é Quando?*” representa o que este artigo vem abordando: oferecer espaço para que esses corpos envelhecidos se tornem o ponto central da cena, como forma de comunicar e exemplificar suas narrativas para uma sociedade. Toda a condução que os estagiários, junto com a Nathalie, fazem em relação ao grupo de pessoas vividas se dá nesses objetivos de estimular a capacidade criativa dos participantes nos encontros e nos dias de apresentações.

Além da relação intergeracional em si, nós, como licenciandos, temos o dever de atingir esses objetivos mencionados anteriormente através do olhar pedagógico, sensível, comunicativo e paciente. É o que dialoga com a pedagogia dialógica de Paulo Freire, como no

trecho encontrado no artigo “Intergeracionalidade e promoção da saúde: reflexões e desafios na atenção à pessoa idosa”:

[...] como na Pedagogia Crítica de Paulo Freire, deste modo, a aprendizagem significativa pode ser alcançada para além dos espaços institucionais, como escolas/universidades. É na Pedagogia Crítica proposta por Paulo Freire, que a educação intergeracional pode ancorar-se, contribuindo para a desescolarização da educação e a desinstitucionalização das pessoas idosas e também de crianças e jovens, promovendo a cidadania intergeracional e contribuindo por meio da experiência participativa e convivial, para um novo espaço público da educação. (CASTRO *et al.*, 2024, p. 6)

Os autores da citação acima abordam uma aprendizagem significativa em espaços não convencionais, demonstrando a diversidade de ambientes em que as atividades de relação intergeracional podem ocorrer, assim como o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, no qual o *Teatro Renascer* está instalado.

3.2 A relação intergeracional para além do Renascer

Sou filha de uma mãe solteira, que trabalhou a vida inteira para me dar o melhor possível. Por conta disso, eu fui criada pelos meus avós maternos. Ao longo dos meus 27 anos, o que fui e sou foi muito moldado pelas mãos de Antônio Fernando e Maria de Lourdes. Ao abordar relação intergeracional, torna-se impossível não falar sobre a minha relação com os meus avós, tudo o que foi mencionado anteriormente também se encaixa na minha vida pessoal. As vivências com o Renascer e com minha família se cruzam a todo momento pela similaridade e pela importância com que as duas coisas impactam minha construção pessoal.

Eu e meus avós sempre tivemos trocas de conhecimentos e habilidades ao longo de nossa trajetória, como no dia em que meu avô me ensinou matemática e eu lhe ensinei a jogar xadrez. Ou quando minha avó me ensinou a costurar e, hoje, eu ensino sobre a existência de outras formas de amar. A relação que construímos juntos se constitui nessa troca. Porém, é importante ressaltar que, com os meus avós ou com os alunos do Renascer, eu tenho muito mais a aprender do que a ensinar, devido a vasta experiência que eles vivenciaram na vida. Paulo Freire afirma com bastante frequência em seu livro *Pedagogia da Autonomia* que: “*Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.*” (FREIRE, 1996 p.23). Durante a minha graduação na UNIRIO, essa frase de Freire sempre aparecia, mas voltada para o ensino em escola e especificamente com crianças. Até porque, dentro da universidade, é raro ver aulas que englobam outros espaços

fora do que entendemos como tradicional — e mais raro ainda pensar em pedagogia com foco em adultos. Quando penso nessa pedagogia no *Renascere*, percebo que ela se aplica de forma mais ampliada, podendo estimular um resgate de experiências e narrativas muito mais vasto, com pessoas de 60 a 90 anos.

Ensinar exige rigorosidade metodológica e pesquisa. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p 29)

Ensinar não é transferir conhecimento. Essa ideia vem se popularizando como papel principal do educador. Então, o que é ensinar? Ou o que o ato de ensinar implica a aquele que ousa se arriscar nessa tarefa? Essas são algumas das reflexões de Paulo Freire, porém como se aplica esses questionamentos a um educador em formação que atua no *Teatro Renascere*? O ato de ensinar do educador dentro do projeto, não é visto apenas como uma transmissão de conhecimento; eu o enxergo como um suporte até o alcance da autonomia dos participantes. Dentro disso, o aluno pode elaborar e construir suas próprias narrativas dentro do processo, desenvolvendo-se junto com o grupo do projeto e cruzando as memórias exploradas nos encontros.

3.3 Quem ensina aprende

Pesquisando sobre relações intergeracionais e a eficácia na promoção da saúde da pessoa vivida, é pertinente a exigência de que o nosso olhar pedagógico seja sensível e paciente nas atividades desenvolvidas, como se aplica no *Teatro Renascere*. Porém em um dos nossos encontros, exatamente um mês antes da apresentação, boa parte dos licenciandos, incluindo a mim, não teve essa postura da pedagogia cuidadosa a qual eu abordei neste capítulo.

Em um dos encontros, utilizamos a aula para passagem de cena, para que as participantes pudessem ensaiar e nós, estagiários, pudéssemos modificar o que fosse preciso dentro do espetáculo. Neste dia, estávamos ansiosos para finalizar os ensaios e deixar o espetáculo cenicamente bonito e funcional, levando esse entusiasmo para as participantes, que estavam dispostas a passar as cenas repetidas vezes para a limpeza e, também aproveitar o momento para fixar as cenas em suas memórias. Porém uma boa parte dos licenciandos,

inclusive eu, exigiu demais do grupo de pessoas vividas, ultrapassando os limites que um educador deve ter. Não prevaleceu o cuidado com os alunos, e sim uma urgência cênica, já que nos encontrávamos às vésperas do espetáculo.

A partir de agora falo por mim no ocorrido, mesmo sabendo que alguns licenciandos tiveram uma sensação similar com a situação. Eu fui impaciente e não fui cuidadosa com o grupo que estava disposto a ensaiar aquele espetáculo, naquele dia. Naquele contexto, para mim, foi mais importante mostrar o meu trabalho de forma egoísta por alguns minutos, buscando uma perfeição que não cabia a mim decidir. A minha postura de exigir demais do grupo, contradiz com o que foi retratado até agora neste memorial. Porém, mesmo tendo noção dessa minha dificuldade, entendi que o ocorrido está dentro do que pode acontecer em um espaço de aprendizado. Até porque o *Teatro Renascer* também é um local para o estágio de licenciandos em teatro, que estão em aprendizado, experimentação, criação, investigação e reflexão da sua prática, quem ensina aprende.

Era um trabalho coletivo e sensível; era meu dever como educadora estar disponível para acolher o que era oferecido àquele grupo a partir das contribuições dos participantes. Embora tenha entendido no momento que eu tinha ultrapassado os limites, essas atitudes me fizeram repensar sobre muitas vezes nossa visão ainda estar presa a um ideal tradicional, do que é teatro. Ou do que é ou não um trabalho de ator.

Toda essa situação ocorreu porque nossas vivências com o teatro muitas das vezes são corrompidas por pessoas em posições “superiores”, como ditadores do que deve ser feito ou proibido de ser fazer, ou em que sua única opinião sobre aquele trabalho prevalece, assim como professores na educação bancária criticada por Paulo Freire. Levar essa questão em consideração me fez refletir que não estamos ali para fazer uma ruptura do que está sendo proposto, mas sim para estimular que a narrativa contada, por exemplo, se amplie de acordo com a disponibilidade do participante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das diferentes histórias cruzadas, este memorial foi construído ao longo desses três capítulos, reunindo relatos do grupo de pessoas vividas, da equipe do projeto e minha própria experiência. Este trabalho retratou o processo de construção do espetáculo “*Nosso Tempo é Quando?*”, desenvolvido no ano de 2025 durante o meu período de estágio no projeto *Teatro Renascer*, sendo licencianda em teatro.

Ao longo desse processo de construção, enfrentamos desafios durante o percurso, principalmente em relação aos locais em que os encontros aconteciam. Embora estivéssemos trabalhando em espaços não convencionais, encontramos potencialidades que puderam enriquecer e influenciar o que estava sendo construído. Diante dessa experiência, eu pude ampliar meu interesse em desenvolver uma pesquisa, que abordava o teatro em espaços não convencionais, uma questão que já me acompanhava em outros projetos na minha trajetória pedagógica. No entanto, foi no *Teatro Renascer* que esses questionamentos, trazidos no primeiro capítulo, me conduziram a uma análise crítica sobre as possibilidades que cada espaço nos oferecia.

Retomo o significado da palavra “*renascer*”, que, como mencionei no primeiro capítulo, é singular para cada participante que integra o projeto. Desse modo trago reflexões do que ela pode significar para além do evidente. Esse “óbvio” está relacionado a oferecer às pessoas com mais de 60 anos a possibilidade de retomarem o protagonismo de suas próprias narrativas, fortalecendo sua autonomia e contribuindo para sua qualidade de vida em diferentes aspectos.. Entretanto, ao longo desse processo compreendi que o significado da palavra *renascer* também pode assumir diferentes sentidos. Entre eles, o que mais me marcou foi o uso da palavra estar ligado à ideia de *renascer* memórias. As memórias daqueles que continuam presentes de alguma forma no projeto, mas não podem estar por alguma inviabilidade, como foi o caso de um dos participantes, que faleceu durante o processo de construção do espetáculo “*Nosso Tempo é Quando?*”. As presenças daqueles que não puderam estar, continuaram marcadas por meio de suas narrativas compartilhadas e pelas lembranças construídas coletivamente durante os encontros. Manter viva a troca das memórias dentro do projeto foi um dos movimentos que mais me instigou a pesquisar, experienciar e, sobretudo, construir este memorial.

Ao citar as memórias e a construção de narrativas, retomo o segundo capítulo no qual busquei demonstrar como o espetáculo foi sendo construído a partir dessa proposta. Investigando e resgatando memórias por meio de induções pedagógicas teatrais. Nesse percurso, os encontros foram desenvolvidos retratando lembranças das fases da vida de uma pessoa. Com isso, apresentei as dificuldades encontradas, as análises e inspirações através dos ocorridos em aula, que resultaram no roteiro do espetáculo (Anexo A). Devido às descrições que fiz neste memorial, pude refletir sobre todo o processo com outra perspectiva, assumindo um olhar de investigação sobre as experiências vividas.

Levando em consideração a construção de um trabalho teatral por meio da troca de narrativas e vivências, o período de estágio no *Teatro Renascer*, me fez descobrir o interesse por uma nova investigação. Augusto Boal afirma que o teatro pode estar nas “[...] *ações repetitivas da vida cotidiana: nós encenamos a peça do café da manhã, a cena de ir ao trabalho, o ato de trabalhar,*” (BOAL, 2012 p.14). Ao entender essa reflexão, percebi como a afirmação também estava atrelada a nossa construção, ao levantarmos um material cênico composto pelas nossas lembranças, encontros e histórias que podem se transformar em teatro.

Esse interesse ganhou ainda mais força ao longo do desenvolvimento deste memorial e se ampliou após vivenciar uma oficina ministrada pelos artistas Juliana Brisson e Sérgio Kauffman em 2026. Essa oficina era composta por um grupo intergeracional, que abrangia desde adolescentes até pessoas da terceira idade, tendo como um dos objetivos demonstrar um pouco para os participantes como foi o processo de construção do espetáculo que o Sergio estava dirigindo, “*Nas ruas ao Redor*”. Um dos pontos de observação que tive neste dia, foi perceber que os exercícios eram desenvolvidos a partir de trocas de vivências dessas diferentes gerações, voltadas para um tema central, construindo uma narrativa em coletivo. Com base nisso, encontrei a similaridade dessa experiência com o que estava sendo construído no *Teatro Renascer* e, compreendi que um dos presentes que o projeto me proporcionou foi o despertar de uma nova investigação que desejo continuar explorando e vivenciando para além da graduação.

No capítulo três abordei a potencialidade da relação intergeracional como possibilidade de ser um dos caminhos para um desenvolvimento de qualidade de vida a uma pessoa vivida. Levantei também, a teoria entrelaçada com a prática e a minha vida pessoal, já

que fui criada pelos meus avós e, vivenciei o que o Paulo Freire preconiza para a pedagogia: quem ensina aprende.

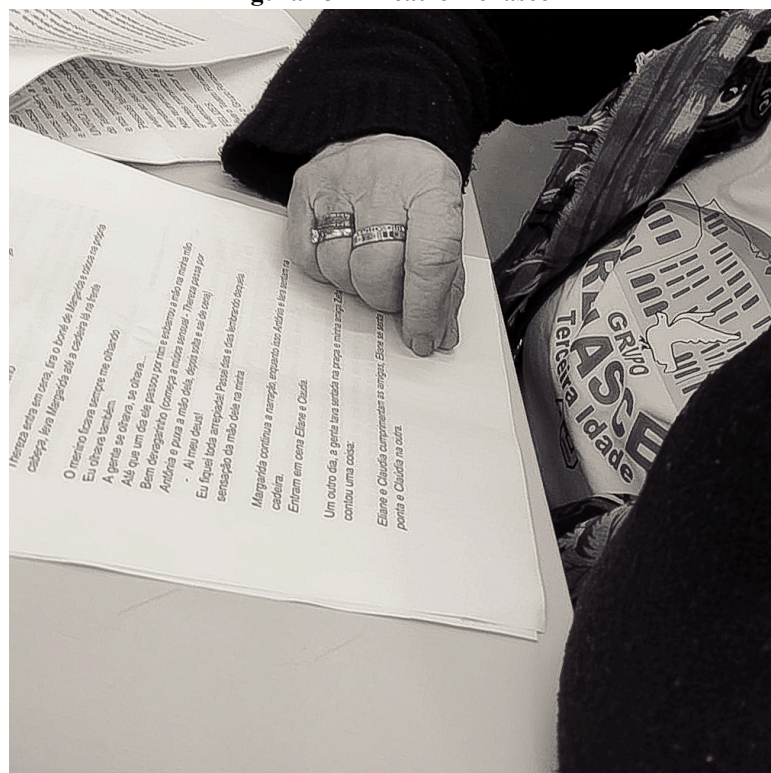
Ao escolher fazer um memorial sobre a minha experiência no *Teatro Renascer*, eu entendi o quanto o projeto me atravessou, porém não conseguia visualizar o quanto esse atravessamento poderia se desdobrar em vários caminhos. Após descrever o trabalho no sentido crítico, constatei que o que construímos no projeto foi um tipo específico de processo colaborativo.

O que foi construído com esse grupo deixou saudades. O que vivenciei em um ano como licencianda, modificou todo o meu olhar pedagógico que vou levar após a graduação. As relações que construímos, os afetos e os carinhos desenvolvidos com as participantes, é o que também torna o *Teatro Renascer* tão transformador. O Renascer pode ser um grande condutor para as formações na universidade em todas as áreas. No ano de 2025 na SIA, percebemos o quanto o projeto ganhou mais espaço e visibilidade. Naquele momento o grupo de pessoas vividas se deu conta de que eram grandes artistas.

Após o dia de apresentação do espetáculo “Nosso Tempo é Quando?” Vi as participantes compreendendo a potência do que foi construído coletivamente ganhando forma. Perceberam onde suas narrativas chegaram e entenderam que elas podem ir além. Como retratei no segundo capítulo, os encontros no ano de 2025 tinham novas integrantes no projeto que não tinham participado de apresentações e construções nos anos anteriores. Sendo assim, eu como licencianda em teatro pude ver a evolução das novas participantes com o suporte das aulas de teatro. Como por exemplo: Uma delas, participante L, nunca imaginou que pisaria em um palco, muito menosalaria em público e fez isso no dia de apresentação. Outra participante, a participante A, foi percebendo a sua voz ganhar espaço nos encontros, nas primeiras aulas, era muito difícil de ouvir a voz dela, até que no último encontro se tornou uma das alunas mais expressivas do projeto. Estar presente nesse trabalho e perceber o desenvolvimento ganhando força, foi enriquecedor para a minha formação.

Para concluir este trabalho, trago a frase que dizemos em todo final de encontro, que foi criada por um dos participantes bem no início da criação do programa: “NA TONGA DA MIRONGA DO KABULETÊ: SALVE O GRUPO DE TEATRO RENASCER!”

Figura 23 — Teatro Renascer



Fonte: Acervo Pessoal — (Uma participante lendo o roteiro com a blusa do Renascer)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BOAL, augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, augusto. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012
- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: Editora 34, 2019.
- CASTRO, Ana Paula Ribeiro de *et al.* Intergeracionalidade e promoção da saúde: reflexões e desafios na atenção à pessoa idosa. Revista brasileira de geriatria e gerontologia, v. 27, 2024.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. SP: Martins Fontes, 2019.
- HUGG em risco: fusão ameaça hospital histórico do SUS. Disponível em: <<https://asunirio.org.br/hugg-em-risco-fusao-ameaca-hospital-historico-do-sus/>>. Acesso em: 3 ago. 2026.
- SOARES, Carmela Corrêa. Teatro de Reminiscência. Anais ABRACE, v. 17, n. 1, 2016.
- SOARES, Carmela Corrêa. Teatro de Reminiscência como jogo da recordação: Experimentos cênicos do Teatro Renascer. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UNIRIO, orientadora Maria Helena Vicente Werneck, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- SPOLIN, viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ANEXO A

Teatro Renascer - Nosso tempo é quando

Prólogo: Apresentação das Moiras (narradoras)

Entram em cena todas as personagens e sentam-se em frente à platéia. Começam a cantar canto do povo de um lugar (2 vezes - moiras entram no segundo lalaia) três mulheres, uma bem jovem (Moira 1 - Nathali), uma mulher de “meia idade” (Moira 2 - Josi) e uma idosa (Moira 3 - Participante A). Moira 1 pega uma cadeira e posiciona no centro do palco, Moira 1 leva como uma Rainha a Moira 3 até a cadeira e lhe entrega o livro da vida.

Moira 2 traz o carretel e entrega para as atrizes (idosas e alunas) que estão atrás, sentadas nas cadeiras. Atrizes sentadas esticam a corda e começam a desfazer os nós.

Moira 3 Manuseia o Livro:

MOIRA 1: Viver é caminhar no tempo, e ao caminhar a gente se modifica, ganha camadas, cores, laços, nós...

Cada laço se abraça no laço anterior, tudo se conecta e se envolve, vai e volta, sem medo nem pudor.

MOIRA 2: A linha da vida se estica e se encolhe, balança, rodopeia. Às vezes parece teimar em formatos que a gente nem imaginava, outras vezes segue o prumo de desejos profundos e sinceros.

Depois que se solta do carretel, é feito brinquedo, mesmo que avance, se a gente pega no fio, pode voltar no começo e usar de novo o que foi, para reconstruir o que será.

MOIRA 1: Há algum tempo atrás, a gente conheceu um senhor que falava uma coisa bonita sobre isso, Seu Manoel de Barros. (*Moira 1 e 2 se olham e falam com a Moira 3*)

MOIRA 1: Querida, *Participante L* pra gente no livro da vida, aquele texto do Seu Manoel de Barros: (*MOIRA 1 e MOIRA 2 se sentam no chão olhando a MOIRA 3 que começa a ler*)

MOIRA 3: "Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio.

MOIRA 3: Assim: tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes.

MOIRA 3: Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser."

MOIRA 3 se levanta. Moira 1 carrega a cadeira para o lado ou atrás. Moiras pegam as fitas que estão com as atrizes nas cadeiras e colocam no Baú. Canto do povo de um lugar (somente vocalize; música acelera e, na segunda vez, começa Flor minha Flor)

Renata começa a cantar flor minha flor, coro continua

Primeiro ato: Infância

Entram as atrizes brincando, chamando umas às outras: Flor minha flor, flor vem cá.

Duplas compostas por uma participante e uma estagiária

Flor minha flor 4 x no início

Dupla 1 - Se essa Rua Fosse minha

Flor minha flor 2x

Dupla 2 - Meu limão, meu limoeiro

Flor minha flor 2x

Dupla 3 - Sou pequeninha... mas tenho a perna grossa

Flor minha flor 2x

Dupla 4 - Atirei o pau no gato

Flor minha flor 2x

Dupla 5 - A barata diz que tem

Flor minha flor 2x

Dupla 6: Sou muito levada

E também muito educada

Agradeço aos presentes

Com um beijo e um abraço

Flor minha flor 4 vezes e termina

Atrizes se sentam enfileiradas nas cadeiras, Participante E está numa ponta e Participante M na outra

Segundo ato adolescência:

Entra a Moira I Nathali, ao som de “canto do povo de um lugar” (violão e vocalize)

Puxando a linha da vida, a gente vai da infância para adolescência. Os laços e voltas que se fazem agora tem cheiro de descoberta e salada de fruta, mas também são recheados de medos imensos e coragens absurdas.

Mostra pra gente querida (puxando Participante T) aquela música que fala de medo e coragem

Música da Participante T:

“Eu estou apaixonada por um garotão
garotão só quer aquilo, aquilo não posso dar
papai e mamãe disse: só depois de casar

Ui, ui ui - *coro*

Ai ai ai - *coro*

desculpe meu papai,
eu sempre ouvi dizer
que aquilo é um barato
e eu resolvi experimentar o ato

a mamãe me disse
filha espere um pouco,
se o teu pai descobre
acaba ficando louco

você, filha preferida

ele quer te ver casada
com filhos e marido

ai, mamãe, eu nao aguento nao - *coro*
eu estou apaixonada por aquele garotão - *coro*
ai mamãe, eu nao aguento nao - *coro*
eu estou apaixonada por aquele garotão - *coro*

mamãe, quer saber de uma coisa?
eu já estou indo! kkk”

Participante T volta pra cadeira enquanto coro canta:

ai, ai, ai - *coro*
ui, ui, ui - *coro*
ai, ai, ai - *coro*
ui, ui, ui - *coro*

Enquanto o coro canta, Nathali caminha pelo palco, pega uma cadeira e se posiciona mais à frente, perto do violão. Coloca um livro sobre a cadeira, puxa Participante A pelas mãos e a acompanha até a cadeira. Nathali se senta atrás de Participante A.

Segundo ato adolescência cenas:

Participante A narra a cena 1

Cena 1:

Agora eu vou contar pra vocês uma história de um tempo em que eu era bem mocinha

Naquela época, eu passava noites e noites ouvindo histórias com meu pai

Ele lia para mim, à luz do candeeiro

Histórias de terras distantes e fantasia *(Participante M lê uma história, após a história todas adormecem.)*

Participante A narra a cena 2

CENA 2:

Um dia, vi minha prima Rita pulando a janela da casa dela

A gente tinha mais ou menos a mesma idade

Ela viu que eu vi e me pediu segredo. *(Prima Rita - Participante E - se levanta, as irmãs acordam, menos o pai. Prima Rita pula a janela e do lado de fora põe o dedo sobre a boca pedindo segredo)*

Eu fiquei curiosa. Naquele dia não entendi. Mas uns tempos depois era eu pulando a janela...

(Alunas e idosas levantam, uma por uma, da mais distante à mais próxima do pai e pulam a janela se juntando àquelas que estão do lado de fora, enquanto isso aquelas que estão do lado de foram chamam por quem ainda não veio. Quando a filha mais próxima do pai levanta, ele ronca e ela se assusta, mas ele volta a dormir e ela pula a janela também)

Participante A fala: Ah agora eu entendi, vou pular também

Participante A e Moira pulam a janela

CENA 3:

Participante M começa a narrar a cena 3:

Outra vez era eu e minhas amigas passeando pela praça
(*Entram Participante A e Participante I e uma estagiária*)

E apareceu um menino

Participante T entra em cena, tira o boné de Participante M e coloca na própria cabeça, leva Participante M até a cadeira lá na frente

O menino ficava sempre me olhando

Eu olhava também

A gente se olhava, se olhava...

Até que um dia ele passou por mim e esbarrou a mão na minha mão

Bem devagarinho (*começa a música sensual - Participante T passa por Participante A e puxa a mão dela, depois solta e sai de cena*)

- Ai meu deus!

Eu fiquei toda arrepiada! Passei dias e dias lembrando daquela sensação da mão dele na minha

Participante M continua a narração, enquanto Participante A, Participante I e uma estagiária sentam na cadeira.

Entram em cena Participante E.

Um outro dia, a gente tava sentada na praça e minha amiga Zefa me contou uma coisa:

Participante E cumprimenta as amigas, Participante E se senta em uma ponta. Estagiária está sentada na outra ponta

Participante E: - Maria, o Zezé me chamou pra fazer amor

Participante A: - Vixe! Mas o que é isso?

Participante M ou Participante I: - Também não sei! E agora?

Que será isso?

Fazer amor?

Uma estagiária fala

- Fazer amor? Não sei... Eu sei o que é beijo, você sabe?

As outras respondem: - Não... o que é???? Você já fez?

- Ontem mesmo, depois da escola, o Mário me deu um beijo.
- Foi bom?
- Mais ou menos.
- E como que faz isso, de beijar?
- É assim! (e coloca a mão como cochicho no ouvido)

E me explicou direitinho como fazer, timentim por timentim.

Retiramos a cena do Baile por enquanto

Renata começa a cantar: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz...”

Enquanto as atrizes se vestem como demoninhos e anjinhos e arrumam as cadeiras em meia lua.

Terceiro ato vida adulta:

Entra a Moira 2 (Josi) “meia idade” (canto do povo de um lugar, violão e vocais)

A linha da vida que costura o nosso tempo...

Ou seria o tempo que costura a gente?

Em um instante o tempo nos leva

e sem que a gente veja

o fio se entrelaça...

Posso ser o que QUEREM de mim

Ou ser o que EU quiser e DIZER NÃO

Mas tudo tem o lado bom e o lado ruim

A cada ponto, uma nova decisão.

Atriz entra em cena, pessoa adulta.. (Carla) Grupo de atrizes anjinhas de um lado e grupo de atrizes diabinhas do outro.

Pessoa adulta improvisa uma fala sobre a dificuldade em ser adulto, tudo o que parece ser bom, pode ser muito difícil, às vezes dá muito medo em ser adulto, às vezes é maravilhoso.

Palavras e frases geradoras que a pessoa adulta vai falar para estimular o coro a responder:

Escolher cerca de 4 palavras

- *Fazer escolhas*
- *Responsabilidade*
- *Sentir paz em ser quem se é*
- *maturidade*
- *Trabalhar com arte*
- *se conhecer melhor*
- *Autonomia*

- *Independência*
- *Dívidas*
- *Falta de tempo para se cuidar*
- *Não saber dizer não*
- *cansaço*
- *Conhecer o que é ruim no mundo*
- *Aceitar o que não pode mudar*

Anjinhos e demoninhos se alternam dizendo o quanto é bom e o quanto é difícil ser adulto de acordo com cada tema que Carla traz.

Quando Carla fala que não quer mais ser adulto, anjinhos e demoninhos começam a falar ao mesmo tempo.

Carla finaliza a discussão gritando chega! e improvisa um texto sobre ser adulta, escolher, aceitar e errar

Quarto ato pessoa vivida:

Entra a Produtora do programa de TV (Aninha) e começa a organizar as pessoas. Tirar figurino das entrevistadas, organizar a platéia. Idosas ficam em cena e Júlia, outras atrizes vão pra Plateia fazer as perguntas.

Cena pessoas vividas:

Júlia entra em cena e se senta no meio das idosas. Apresenta o programa: “Entrevista com os especialistas” Diz que temos hoje um grupo seletto de especialistas na vida.

Pede para cada idosa se apresentar e abre as perguntas à plateia.

Perguntas: Escolher 4 perguntas, se precisar escolher mais. A Diretora Aninha controla o tempo das perguntas.

1 - As pessoas duvidam da capacidade da pessoa idosa por causa da idade?

2 - Qual a parte boa de ser idoso?

3 - Idosa namora? Como é?

4 - Qual a maior loucura que fez na vida?

5 - Você acha que os costumes da sociedade mudaram? Se sim, como vocês lidam com as mudanças?

6 - Que dica você daria para uma pessoa jovem envelhecer bem?

7 - O que pediria se tivesse a oportunidade de ter um desejo atendido hoje?

Quando terminam as perguntas, Júlia diz que Participante A está escrevendo um livro e pede que ela leia a introdução desse livro para nós.

Participante A lê o texto que ela escreveu.

Viver é maravilhoso.

Acho admirável essa nova geração, sua maneira de ser, pensar e agir.

Vivem num mundo transistorizado, eletrônico, desintegrador, espacial e de tantas coisas mais, e não perderam a beleza de serem verdadeiramente humanos.

Uma velhice sadia também é maravilhosa, cada geração tem uma história linda pra contar.

Mas ainda é grande a família das criaturas que passam pela terra sem nada receber, e sem nada doar.

O ser humano esquece de SER. Esquece que desde que nasce começa a enfrentar um mundo cheio de surpresas e dificuldades e imprevistos, mas à proporção que vai envelhecendo, vai amadurecendo e aprendendo com as frustrações vividas.

Sou uma mulher vivida, amadurecida, não idosa, porque essa palavra idosa, é muito frustrante, pesada, taciturna e sombria.

Sou FELIZ. Eu sou grata por tudo que tenho e por tudo que sou. Isso não quer dizer que vivo uma nuvem, ainda tenho grandes objetivos e sonhos, ainda estou buscando aperfeiçoamento.

Hoje vivo o tempo de me preservar e não me permito viver sentimentos desnecessários.

Almejo apenas usufruir da paz que conquistei com a maturidade.

GRUPO RENASCER.

Dizem que o amor move montanhas, e é verdade; no GRUPO RENASCER, alcançamos a plenitude, juventude, dançamos, cantamos, damos risadas, e somos felizes, temos amor e carinhos, além dos cuidados das professoras, e profissionais de saúde.

SOMOS ATÉ ARTISTAS, trabalhando no Teatro Renascer junto da professora psicóloga linda, carinhosa e talentosa NATHALI.

Temos também, a Renata linda e jovem que toca violão, e teclado, além de várias alunas lindas e talentosas da UNIRIO, e junto com essa juventude, fazemos até peça de Teatro. Não temos solidão. Elas espalham vibrações e nos proporcionam momentos inesquecíveis.

Pessoas felizes se valorizam e valorizam aqueles que vivem ao seu redor, praticam hábitos saudáveis e transformam emoções negativas em positivas.

Nos reunimos com pessoas positivas, que nos trazem grandes momentos e grandes aprendizados.

Vivemos com amor e no amor, por isso SOMOS FELIZES.

Viva o Teatro Renascer.

Viva o Grupo Renascer.

Escrito por: Antonia Góes.

Fechamento:música final - Wisky a go go

chamar platéia para cantar vocalize:

Começa do Refrão: Eu perguntava do you wanna a dance?

HeyHey - Heyhey

HeyHeyHey - HeyHeyHey

HeyHey - Ho Ho

ANEXO B

1. Como é todo mundo sempre duvidar da sua capacidade, por conta da idade? Já pensou em fazer algum esporte acessível e fácil? Já pensou em fazer um passeio com seu neto, neta, sobrinho ou algo do tipo) mais novo? Já pensou em mudar o visual bem radical?
2. Como é olhar pra trás, pra todos os anos que já viveu e lidar com o arrependimento de algumas escolhas?
3. Qual a parte boa de ser idoso?
4. Como é lidar com o envelhecimento na sociedade carioca?
5. Se é possível continuar amando uma mesma pessoa depois de anos?
6. Qual sua relação com a finitude?
7. Como conviver com sonhos do passado que foram deixados de lado por alguma razão e que talvez hoje em dia não tenha mais como realizar? Como lidar com esses arrependimentos de não ter feito o que queria?
8. Dá medo não ter quem cuide da gente ou tá tudo bem a gente se cuidar sozinho até na velhice?
9. As inseguranças diminuem com a maturidade, ou só se tornam diferentes?
10. Se é feliz?
11. qual a maior loucura que fez na juventude?
12. qual a pior e melhor parte de ser idoso e qual a visão dele sobre a morte?

13. Como é o relacionamento amoroso-sexual e como se processa o envelhecimento físico e as limitações que isso traz?
14. Qual conselho você daria para um jovem?
15. Queria saber se ainda tem saudades dos namorados?
16. Queria saber se os fetiches sexuais, que temos quando somos jovens, se perdem quando envelhecemos ou se mesmo mais velha ainda carregamos esses fetiches? E queria saber se a perda de libido na menopausa e ao envelhecer mudaram muito a visão que elas têm com o sexo ou se a "safadeza" continua a mesma?
17. Como o idoso lida com sua sexualidade. Tema geralmente cercado de preconceitos e ideias do idoso ser assexuado?
18. Que dica você daria para uma pessoa jovem para envelhecer bem?
19. Ser idoso é a pior parte da vida?
20. . O que é a sensação de inutilidade?
21. Vocês têm privacidade? Gostam de ficar sozinhas nem que seja por algum momento? Sentem falta de algo?
22. Você se sente orgulhoso de tudo que fez e passou ou se arrepende?
23. Como era a relação com os pais, se tinha comunicação, afeto, escuta?
24. Os arrependimentos da vida?
25. A vida melhora ou piora para a pessoa idosa? Há coisas boas?

26. Como lidou com a falta dos antigos costumes? (Se for o caso de não ter mais) Ex: ir na casa de familiares semanalmente, ir em festas, fazer atividades que requerem mais esforço físico etc.
27. Se vale a pena ficar velho?
28. como fica a vida sexual do homem e da mulher na prática?
29. O que faria se tivesse a oportunidade de se ter um desejo concedido?
30. eu perguntaria oq ela faria diferente na juventude ?
31. Qual foi a maior transformação da sua vida?